

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Texto e contexto no livro didático



ISSN 1676514-1



9 771676 514009 00055

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) •

Maria Inês Delorme (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •

Martha Neiva Moreira (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •

Cristina Salvadora Ferreira (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone**

Cortes Tourinho (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) •

Letícia Carvalho Monteiro (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice**

Oliveira da Silva (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/

MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely Batista** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano**

Mattos (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira • Renata Petrocelli** (editora) • **Fábio**

Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar (designers) •

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212





Cássia Cristina das Moças Nunes, 11 anos
E. M. Rostham Pedro de Farias

Capa:
Arte de Adriana Simeone e Claudio Gil
Foto de Alberto Jacob Filho

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Arquitetura que revela a arte

10 pan 2007

Primeiros habitantes da terra

13 carioca

Um espaço dedicado à MPB

15 MULTIRIO na web

Criatividade em sala de aula

17 parceria

Encontro de gente grande

18 olho mágico

20 rede fala

Ciclos de formação: a reinvenção dos espaços

22 professor on-line

Recursos multilíngües na web

24 caleidoscópio

Uma proposta possível

26 capa

O livro didático em questão

33 artigo

Políticas públicas e o livro didático de matemática

34 atualidade

Para medir o desenvolvimento

36 presente do futuro

Os dois lados de uma paixão

39 pé na estrada

A comunidade chega à escola
Estrofes por todos os cantos

44 foi assim

Uma cidade de muitos rios

47 perfil

Uma ajudante para Papai Noel

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Narrativa dos livros didáticos

Para encerrar o ano em que discutiu os diferentes tipos de narrativas e suas relações com o processo de educação, NÓS DA ESCOLA elegeu como tema a narrativa dos livros didáticos. Nossa reportagem de capa aborda as principais características do discurso

clássico deste tipo de livro, ouvindo professores e educadores sobre os critérios de escolha dos livros adotados e sobre a relação ideal entre professores, alunos e este importante recurso didático. Como sugestões de reflexão para o professor, mostramos como as formas de narrar e de utilizar os livros podem impactar o maior ou menor desejo de ler, aprender e estudar, além de facilitar a compreensão dos conceitos e a relação entre eles.

Na seção *Ponto e contraponto*, o destaque é Oscar Niemeyer, que este mês completa um centenário de vida. O arquiteto concedeu uma entrevista à equipe de TV da MULTIRIO, em que fala sobre trabalho, vida e arte. NÓS DA ESCOLA mostra alguns dos melhores momentos da conversa.

Voltando o olhar para nossa cidade, duas matérias tratam de aspectos culturais e históricos de interesse dos cariocas. Na seção *Foi assim*, um pouco da história dos muitos rios que fazem a história do Rio. Em *Carioca*, um espaço totalmente dedicado à música brasileira. Shows, cursos, biblioteca e exposições estão ao alcance de todos os habitantes da cidade no Centro Municipal de Referência da Música Carioca, inaugurado em junho na Tijuca.

Para o dia-a-dia da sala de aula, um assunto que mobiliza adolescentes e, por isso, pode ser aproveitado como fonte de inspiração para a pesquisa e o aprendizado: a paixão pelos ídolos. NÓS DA ESCOLA discute quais os limites da idolatria e de que forma os ídolos podem desempenhar um papel positivo no processo de amadurecimento de nossos alunos.

E, lembrando o Natal que se aproxima, a seção *Perfil* traz uma verdadeira "ajudante de Papai Noel": a funcionária dos Correios Gilza Franco, que separa as cartas enviadas por crianças do Brasil inteiro ao Bom Velhinho.

Outros assuntos completam a última edição de NÓS DA ESCOLA deste ano, como dicas para professores de língua estrangeira e duas experiências escolares: uma envolvendo poesia e outra sobre história.

Não deixe de ler.



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Entrevista

Parabéns à revista pela excelente matéria com o embaixador e historiador Alberto da Costa e Silva. Usei a entrevista em minhas aulas de história. Os alunos, em grupos, leram e debateram o tema.

Ana Carolina Maranhão

E. M. Sérgio Buarque de Holanda, Barra da Tijuca, 7ª CRE e E. M. Teófilo Moreira da Costa, Vargem Pequena, 7ª CRE

Cartaz do professor

Seria interessante se os idealizadores do cartaz comemorativo pelo nosso dia lessem as manifestações indignadas de inúmeros colegas:

- Após darmos aula o dia inteiro, correndo de escola em escola, não há laringe nem postura que agüente.
- A madrugada seria um horário perfeito para nos exercitarmos, mas, além da insegurança nas ruas e nas poucas pistas existentes, e como não há piscinas em funcionamento neste horário, restaria ainda a escolha do que cortar para pagar a mensalidade. E a que horas desmaiariamos na cama?
- Usamos as roupas que conseguimos comprar, pois temos outros compromissos mais urgentes e importantes com os quais temos de gastar nosso salário.
- Como relaxar se temos compromisso constante com o relógio?
- Como ter uma alimentação saudável, se não conseguimos sequer ter hora de almoço? Comemos sempre fora de

hora aquela comida que é puro carboidrato.

- Tentamos ao máximo beber água na correria geral dentro e fora da sala de aula.

Professora Andréa

- NÓS DA ESCOLA agradece a atenção e os comentários.

Contos

Ganhei um primeiro prêmio no II Concurso de Contos da Prefeitura de Niterói, em 2003. Empolguei-me, juntei umas economias e publiquei o livro *Nos dias pares, às vezes, Caruso canta*, de forma independente, com 10 contos temáticos. Como funcionário público e professor da rede municipal, gostaria de divulgar este trabalho.

Carlos Cruz

E. M. Maria Leopoldina, Glória, 2ª CRE

Teatro para crianças

O Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude (CBTIJ) lançou seu novo *site* (www.cbtiij.org.br), com grande conteúdo sobre a história do teatro para crianças no Brasil.

André Burger

Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude

Cuidando do professor

Participo do projeto "Culinária, saúde e prazer", promovido pelo Instituto de Nutrição Annes Dias (Inad). Em parceria com a professora Bárbara Hernesdoss, do DRH (7ª CRE), viabilizamos um treinamento ministrado pelas fonoaudiólogas Rachel e Márcia, na Escola Dom

Pedro I. Esta ação foi de grande valia, porque a voz é o instrumento de trabalho do professor, e precisamos saber como cuidar dela. Já recebemos a visita da fonoaudióloga Rachel com objetivo de saber como os professores estão cuidando da sua voz após o treinamento.

É muito importante cuidar do outro. Precisamos fazer disso um exercício, buscando mais programas e parcerias, solicitando mais ações conjuntas entre SMA, SME e SMS. O professor, como já sabemos, é um profissional que está envolvido com o sucesso escolar do aluno, e quando isto não está acontecendo ele vai em busca das causas, que são diversas (sociais, psicológicas, interpessoais, culturais, pedagógicas...). Por mais que se negue, isso é um envolvimento e mexe com as emoções. Precisamos alicerçar este profissional.

Marleyde Fernando

Coordenadora pedagógica
E. M. Dom Pedro I, Barra da Tijuca, 7ª CRE

Coreção

Na seção *Rede fala* de NÓS DA ESCOLA n.º 54, faltou identificar a autora do artigo, a professora da rede municipal Andrea da Paixão Fernandes, como professora-assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-Uerj).

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO:

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpúb@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

Arquitetura que revela a arte

TEXTO
MARTHA NEIVA MOREIRA,
A PARTIR DE ENTREVISTA
CONCEDIDA À REPÓRTER
FLÁVIA LOBO, DO PROGRAMA
NÓS DA ESCOLA

FOTOS
EDITORA REVAN

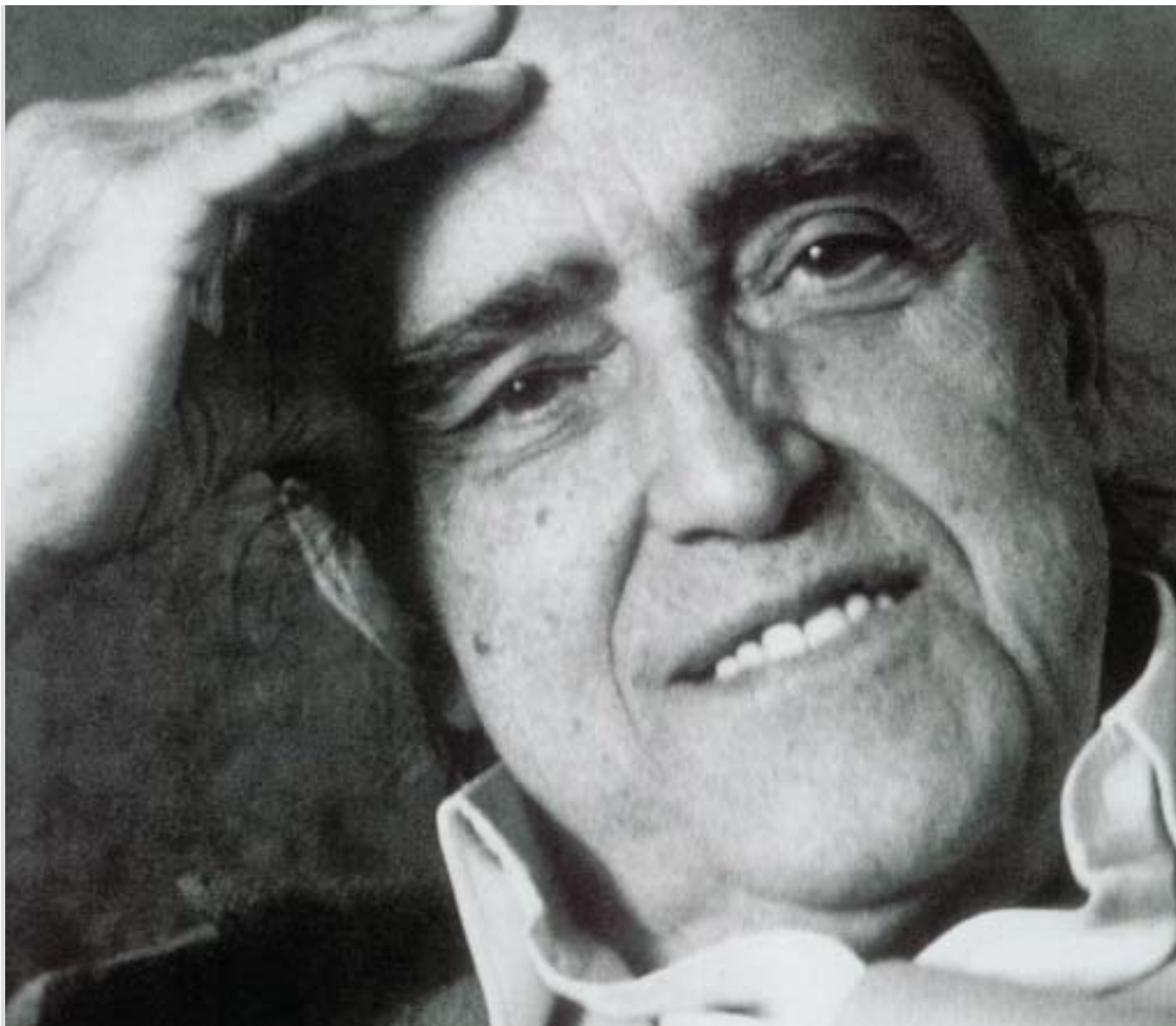
Aos 100 anos Oscar Niemeyer se declara apaixonado pelo Brasil. No *site* oficial da sua Fundação esse sentimento está explícito: “gosto do meu país; das suas grandezas e misérias; do Rio, das suas praias e montanhas; dos cariocas, tranqüilos e desinibidos, como se a vida fosse justa (...). Como gosto deste país imenso! Do Norte ao Sul. Dos mais abandonados, a fugirem da seca, sem casa nem comida, marcados pelo desespero; dos meus irmãos favelados, a ocuparem os morros com suas revoltas.” As palavras desse carioca de Laranjeiras, que acaba de engrossar a lista dos 100 maiores gênios vivos, também soam inspiradas quando o tema é o seu ofício, ou melhor, a sua arte. Ele escreve: “De um traço nasce a arquitetura. E quando ele é bonito e cria surpresa ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra-de-arte.” As linhas simples e elegantes que saem da prancheta se traduzem em belas construções que, tal e qual uma obra-de-arte, embelezam e causam impacto, onde quer que estejam e a quem quer que as contemple. Ao longo de sua trajetória profissional – iniciada em 1935 no escritório de Lúcio Costa –, Niemeyer realizou centenas de projetos, em várias partes do mundo. Nesta entrevista, que foi ao ar no programa *Nós da Escola*, apresentado pela MULTIRIO, ele fala do amor à arquitetura, da importância da luta política e de seu mais recente projeto.

Como a arquitetura surgiu na sua vida?

Desde os 10 anos eu desenhava. Minha família é brasileira, lá de Maricá. O meu nome não devia ser Oscar Niemeyer Soares, mas Oscar Niemeyer de Almeida Ribeiro Soares. Soares é português, Niemeyer é alemão, e Almeida é árabe. De modo que eu era um mestiço. A vida me decepcionou – a miséria, os problemas... Com 20 anos eu entrei para o Socorro Vermelho, que era a pastoral do Partido Comunista do Brasil. A gente arranjava donativos para os mais pobres. E foi assim que eu comecei. Achando que o mundo era injusto, que a burguesia era ruim, ignorante. Eu tinha razão, eles são ainda piores do que eu pensava. Hoje a burguesia brasileira constrói seus palacetes à beira do mar e olha as favelas como se elas fossem crescer para lutar contra eles. Os pobres crescem

abandonados, a perambular pelas ruas. Acabam se habituando àquela vida de aventura. Foi isso o que me levou para a esquerda. Aí eu passei a considerar a política mais importante. A arquitetura é importante, um meio de prazer... mas importante mesmo é lutar. A luta política é mais importante. Eu faço arquitetura porque gosto. Acho importante o arquiteto fazer o que gosta. Acho que a arquitetura vai evoluir, evoluir com a sociedade. O dia em que a sociedade for mais horizontal, não haverá tantos palacetes, haverá gente, empreendimentos humanos como estádios, teatros...

As pessoas falam muito do concreto na sua obra, mas o senhor trouxe a preocupação política, a preocupação social para o seu traço...



Tive ao lado da minha vida profissional uma preocupação constante com a luta política. Se eu vejo um sujeito na rua, um rapaz protestando, acho que o trabalho dele é mais importante do que o meu. A gente tem que mudar o mundo, a vida é um minuto. O homem é um ser despreparado, sem possibilidades, sem perspectivas. Se a gente começa a se interessar pelas coisas, a gente cai na certeza de que talvez haja um planeta que nem o nosso, de que estamos aqui de passagem. Então, vamos dar as mãos. É comum você encontrar pessoas que olham os outros procurando defeitos. É aquele negócio da competição. Todas as pessoas têm uma qualidade qualquer. A luta política é fazer as pessoas mais modestas, sem pretensão, porque é ridículo você pensar que é mais importante do que o outro. E pronto para lutar por coisas

melhores, sem muitas perspectivas. Mas estamos aqui para isso.

Como o senhor avalia a sua carreira?

Sou arquiteto, sei desenhar, conheço a profissão. Hoje ela até que é muito generosa, permite tudo. Você pode pensar no passado como uma lembrança de tempos mais difíceis. Quando o concreto aparece, um mundo de formas novas está à disposição do arquiteto. Usando o concreto, cada um faz a sua arquitetura como bem entende. Eu faço a minha.

Como o senhor dá forma ao concreto?

Cada arquiteto utiliza o concreto como bem entende. Uns fazem uma arquitetura mais simples, outros fazem uma arquitetura mais ambiciosa. Eu, por exemplo, na minha arquitetura- ▶

SAIBA MAIS

Livro

- *Arquitetura aventura*, de Kátia Canton. Difusão Cultural do Livro

Programa de TV

- MULTIRIO. *Programa Nós da Escola* n.º 242, "Oscar Niemeyer, o poeta do concreto".

Site

- Fundação Niemeyer: www.niemeyer.org.br

tura, procuro reduzir os atores e ela surge com mais audácia, mais livre, criando espanto. A arquitetura, como qualquer outra obra-de-arte, tem que ser baseada na surpresa. A pessoa chega, olha e tem uma emoção de quem nunca viu aquilo antes. Isso é a obra-de-arte. Mas é importante organizar a vida da maneira de suas perspectivas. Acho que tudo na vida é um sopro, no dia seguinte já foi embora. Jean-Paul Sartre dizia que lia um livro, uma enciclopédia, como quem lia um romance. Então cada um deixa o seu recadinho. A vida é cheia de alegria e de tristeza. Eu sempre digo: viver e mulher do lado, seja o que Deus quiser!

Como foi o projeto dos cieps?

O [professor e antropólogo] Darcy Ribeiro pensou num sistema mais justo. O aluno em tempo integral, tendo apoio. Apoio inclusive de saúde, de médico, de dentista, ocupado o dia todo. A maioria não tem lugar para estudar. Não tem compreensão, a vida é difícil. De modo que era um sistema fantástico. (...) Ele [Darcy Ribeiro]

achou o caminho certo. É o aluno na escola o tempo todo, tendo lugar para estudar.

E como foi dar uma solução arquitetônica para esse projeto?

Eu não solucionei nada. E vi já pronto. Ele [Darcy Ribeiro] deu os dados: 'quero uma escola assim, assim...' Quem inventou tudo foi ele.

E o Museu de Arte Contemporânea, em Niterói?

O museu é uma lição de engenharia. Eu gosto como o concreto armado pode ser utilizado. Há uma cúpula de 80 metros, são os mezaninos pendurados. É um espetáculo estrutural. Eu acredito que é bonito, que chama atenção. Representa a arte da nossa época na arquitetura.

E o seu projeto mais recente, um curso de formação para jovens profissionais, que irá funcionar em Niterói, como vai ser?

Queremos lutar contra o homem especialista. Gente que só conhece a sua profissão. A gente

Alguns pensamentos

"Quando uma forma cria beleza tem na beleza sua própria justificativa."

"A monumentalidade nunca me atemoriza quando um tema mais forte a justifica. Afinal, o que ficou da arquitetura foram as obras monumentais, as que marcam o tempo e a evolução da técnica. As que, justas ou não, sob o ponto-de-vista social, ainda nos comovem. É a beleza a se impor na sensibilidade do homem."

"Na arquitetura debrucei-me por toda a vida. Foi o meu *hobby*, uma das minhas alegrias, procurar a forma nova e criadora que o concreto armado sugere. Descobri-la, multiplicá-la, inseri-la na técnica mais avançada, criar o espetáculo arquitetural."

"...estou convencido de que um arquiteto não deve se limitar à aprendizagem de seu *métier*. Ele deve ter uma cultura geral, ler os clássicos, os escritores contemporâneos,

para melhor compreender seu ambiente cultural. (...) eu sempre pensei que um arquiteto de talento deve saber desenhar e escrever. Ele não poderá fazer nada de grande ou de belo se não possuir essas duas qualidades. A terceira é a imagem; logo, a negação de regras."

"Nunca me calei. Nunca escondi minha posição de comunista. Os mais compreensíveis que me convocam como arquiteto sabem da minha posição ideológica. Pensam que sou um equivocado e eu penso a mesma coisa deles. Não permito que ideologia nenhuma interfira em minhas amizades."

"Jamais fui hostil a movimentos de protesto, inclusive dos países socialistas. É necessário protestar contra a miséria, as injustiças, as desigualdades. Toda palavra dita com coragem no movimento só pode merecer minha estima."



Na cidade de Brasília é possível contemplar muitas das obras projetadas por Oscar Niemeyer, como o Congresso Nacional

tem que saber como o mundo está caminhando: os problemas que aparecem, o que a gente tem que fazer, como chegamos até aqui. Pensar sobre a vida, sobre a morte. Esse curso vai ter umas aulas sobre filosofia, sobre literatura, abrindo a mente do profissional. Em dois meses de curso, a pessoa estará mais interessada no espaço em volta dela. O curso é aberto a todos, independentemente da formação.

O senhor também estava falando da importância da leitura. Como avalia, hoje, a leitura entre os brasileiros?

Acho que ninguém lê nada. O estudante sai da escola, alguns sofrem um interesse natural e entram no campo da leitura, mas outros não. Não estão interessados.

E leitura é essencial para a formação desse ser humano do qual o senhor está falando...

É fundamental. É a leitura que vai levar o sujeito a pensar na pátria. Antigamente não se falava nisso, hoje tem que se falar. O mundo está perigoso, está complicado, a violência está dominando.

Qual das suas obras o senhor acha que traduz melhor a alma do Rio de Janeiro? (E aí quando eu falo alma do Rio de Janeiro, não estou pensando só no carioca boêmio, alegre, o sujeito que circula pela cidade, mas também no sujeito engajado, lutador político...)

Não sei. A arquitetura é tão alheia ao problema humano que é difícil atender a todos... ■

Primeiros habitantes da terra

As nações indígenas dos EUA são um exemplo de resistência e obstinação na luta pela soberania

TEXTO Os índios norte-americanos eram praticamente desconhecidos do Velho Mundo até o desembarque do conquistador espanhol Alvar Nunez Cabeza de Vaca na península da Flórida no século XVI. Foi ele um dos primeiros europeus a fazer contato com os índios Pueblo, conhecidos como a mais antiga nação indígena do novo continente. No período em que conviveu com os povos indígenas norte-americanos, ele produziu um rico e interessante relato sobre os nativos,

CAROLINA BESSA
FOTOS
PHILLIP KARSHIS/
POEH CULTURAL CENTER

e não é por outro motivo que é considerado um pioneiro nos estudos da antropologia.

Segundo a professora e antropóloga Dinah Guimaraens, uma especialista no assunto, os relatos de Cabeza de Vaca são imprescindíveis ao conhecimento dessas culturas, porque ele conseguiu desenvolver uma maneira própria de se relacionar com os nativos. Ao vagar durante 10 anos com mais quatro invasores espanhóis pelos Estados Unidos, até chegar ao México, ele foi o que se chama de xamã, isto é, uma pessoa que pode “voar” para outros mundos e entrar em contato com os seus aliados (animais, vegetais, minerais), seres de outras dimensões e espíritos ancestrais.

Dinah ressalta que a identificação de Cabeza de Vaca como xamã aconteceu por sua formação de cirurgião militar e por ter podido usar todo o seu conhecimento para salvar vidas entre os nativos. Aceito pelas tribos, estabeleceu o comércio entre elas. Dos povos do norte, trazia peles de animais, tinturas de rosto e pêlos de gamo pintados de vermelho, que eram trocados entre os povos da costa por conchas e contas de madrepérola. As pedras turquesas do Novo México foram levadas por ele ao povo Seminole, que vivia na região da Baía de Tampa, na Flórida. Data de 1528 a chegada dos homens de Cabeza de Vaca ao norte da península, onde viviam tribos de procedência diversa, como os Timucua, extintos no século XVIII. Na parte meridional, Cabeza de Vaca travou contato com os Calusa e os Ai, ambos uma provável ramificação dos povos antilhanos.

No sudeste dos atuais Estados Unidos, vivia a tribo Muscogi, cujo nome significa “país pantanoso”. O grupo Muscogi era formado pelo povo Seminole no norte da Flórida; pelas nações Alabama, Chicasa e Chacta, na área de Montgomery (Alabama) e no leste do Rio Mississippi; e pelos hoje extintos Ocalusa, além dos Apache e Amasi, ao sul, no litoral do Golfo do México. Os Muscogi passaram a ocupar reservas indígenas em 1842 e se misturaram ►

Grupo de dançarinos da reserva Mountain Apache abre uma exibição sobre os índios Pueblo



Uma nação de muitos povos

O explorador espanhol Cabeza de Vaca relatou com detalhes, em ordem cronológica, os contatos que fez com algumas tribos nativas norte-americanas. Algumas dessas descrições estão no livro *Museu de arte e origens – mapa das culturas vivas guaranis*, da antropóloga Dinah Guimaraens. A seguir algumas delas:

- **Seminoles** – viviam no norte da Flórida e depois foram transferidos para constituir o estado de Oklahoma. Tinham criação de gado e cultivavam frutas. Atualmente a tribo é formada por 3.300 membros liderados por um governo soberano, através de um conselho tribal de cinco membros eleitos por votação.
- **Calusas** – viviam em parte da Flórida, ao sul de Tampa, ao redor do Lago Okeechobee e do atual Parque Nacional de Everglades. Eram muito bons na caça e na pesca. Viveram em pequenas comunidades com mais 3 mil habitantes. Desapareceram no século XVIII.
- **Timucuas** – viviam no noroeste e na parte central da Flórida, principalmente nas áreas hoje ocupadas pelas cidades de Tampa, Orlando e Ocala. Eram sedentários e plantavam hortas ribeirinhas, dedicando-se principalmente ao cultivo do milho. Sua organização social tinha uma hierarquia motivada pela religiosidade. No século XVIII começaram a se misturar a outras tribos.
- **Apalachees** – viviam no extremo-norte da Flórida e no sudoeste da Geórgia. Seu nome significa “povo da outra margem do rio”. Sua linguagem era pertencente ao grupo dos Muscogi. Também cultivavam milho e viveram próximos dos índios Creek. No decorrer do século XIX se mesclaram com os Seminole.
- **Pensacolas** – habitavam o extremo-norte da Flórida, nas áreas ocupadas pela cidade de Pensacola. Além de pescar e caçar, cultivavam milho, feijão e tabaco. Tinham cães domesticados. Desenvolveram um tipo de cerâmica específico e facilmente identificável.
- **Karankawas** – localizados na costa oriental e nas ilhas do Texas no sul do estado, na região da atual cidade de Corpus Christi. Eram seminômades e tinham como principal atividade a pesca. Uma curiosidade é que suas casas eram portáteis e foram denominadas *ba-ak*.
- **Caddos** – habitavam o nordeste do Texas e o sudoeste do estado de Arkansas. Organizavam-se em extensas confederações. Foram notáveis pelo desenvolvimento de sua agricultura e pela complexa ritualização de seus costumes religiosos. Alguns traços de sua cultura permanecem vivos, principalmente em Oklahoma. Eram altos, com constituição larga e faces compactas, podendo ser uma ramificação dos astecas.
- **Coahuiltecans** – viviam na costa do Texas até a fronteira com o México. Faziam grandes deslocamentos em busca de frutos de cactos, insetos, répteis e outros animais para a sua subsistência. Não conheciam cerâmica, tampouco agricultura. Deslocavam-se nus, com suas casas nas costas, e preparavam seus alimentos em buracos nas rochas. Desapareceram no século XVIII.



Jarro típico da cerâmica dos Pueblo, criado por Theresa Gutierrez, de Santa Clara Pueblo

- **Jumanos e Conchos** – viviam nas áreas delimitadas pelos rios Grande e Conchos, no norte dos estados de Novo México e Arizona. Eram seminômades e viviam nas fronteiras da cultura hoje denominada Pueblo. Desenvolveram estilo característico de tecelagem e cerâmica. Construíam casas de adobe e cultivavam milho e outros vegetais. Além disso caçavam búfalos. A cultura Pueblo sobreviveu e demonstra bastante vigor, juntamente com as culturas Navajo, Hopi e Zuni, sendo hoje um dos mercados artesanais mais rentáveis dos Estados Unidos.
- **Pimas** – viviam na região do atual estado mexicano de Sonora e em áreas adjacentes do estado do Arizona. Construíam casas de adobe em extensas fazendas.
- **Opata** – viviam nas regiões central e ao leste de Sonora. Sua população chegou a 20 mil habitantes. Constituíam tribos independentes de fazendeiros, mas as constantes guerras com os Apaches e outros povos acabaram por uni-los. Começaram a desaparecer no século XVII.

SAIBA MAIS

Livros

- GUIMARAENS, Dinah. *Museu de Arte e Origens – mapa das culturas vivas guaranis*. Rio de Janeiro, Contracapa, 2003.
- NUNES, Alvar (Cabeça de Vaca). *Naufrações e comentários*. L&PM, 1999.

Site

- National Museum of American Indians (www.nmai.si.edu).

Filmes

- *Dança com lobos*, de Kevin Costner, 1990.
- *O último dos moicanos*, de Michael Mann, 1992.
- *Coração de Trovão*, de Michael Apted, 1992.
- *O novo mundo*, de Terrence Malick, 2005.

aos negros norte-americanos. Hoje existem cerca de 100 mil índios Muscogi.

Nas margens do Rio Mississippi havia ainda os Tunica e os Karankawa, que ocupavam o oeste da costa texana. Os primeiros foram completamente extintos nos séculos seguintes. Esses povos eram uma ramificação dos Coahuiltecan, que habitavam o território compreendido entre o nordeste do México e a margem esquerda do Rio Grande. Após invasões, em 1800, a maioria da população dos Coahuiltecan desapareceu, destruída por doenças ou absorvida pela população mexicana. Para Cabeza de Vaca, os Coahuiltecan tinham mais resistência física do que os Karankawa: “Às vezes o corpo de um índio é atravessado por um arco; porém, a menos que as entranhas ou o coração sejam atingidos, ele não morre: ele se recupera dos ferimentos”, registrara em seus relatos.

Os Coahuiltecan não tinham acesso a muitos recursos naturais utilizáveis e, por isso, sua sobrevivência fora a mais dura e difícil entre todas as tribos da região do Texas. A base da sua economia era a caça de coelhos, bisões e cervos, com a utilização de flechas. Seu principal alimento provinha do arbusto da agave, cujos bulbos eram torrados, transformados em farinha e comidos ou guardados para serem consumidos no futuro. Um tipo de cacto que crescia nas costas texanas era usado para alimentação e sua polpa e frutos, para curar feridas.

Os Pueblo, que viviam na região do Novo México, foram a nação que mais preservou as suas características, segundo Dinah, que conviveu com eles durante o pós-doutorado que cursou na Universidade de Novo México (EUA). A antropóloga explica que Pueblo é o nome dado pelos espanhóis aos povos da região do estado do Novo México e que quer dizer aldeia ou tribo. Entre o povo Pueblo estão os Pojoaque, que falam a língua *tewa*. Eles chegaram a desaparecer, mas conseguiram recuperar a sua cultura graças ao conceito que desenvolveram, de que um descendente poderia pertencer àquele povo, até a quinta geração, se tivesse sangue indígena.

Os Pueblo viveram na cidade tida como a mais antiga das Américas, Akoma, também conhecida por Sky City, a cidade do céu. “As cidades eram construídas dentro de rochas e havia também o *kiwqa*, que era o local de ceri-

mônias, um buraco cavado no chão, por onde se desce por uma escada até o local em que se celebram os rituais”, explica Dinah.

A cidade de Akoma tem mais de mil anos e foi dominada primeiramente pelo conquistador espanhol Francisco Vazquez de Coronado. Em 1598, outro invasor espanhol, Juan de Oñate, tentou subjugar o povo e a empreitada resultou em matança, porque seu sobrinho fora assassinado pelos índios que se recusavam a ser dominados. “Para se vingar, De Oñate cortou os pés de 500 jovens nativos. Como reação, eles organizaram a Revolta dos Pueblo, em 1680”, conta a antropóloga.

Os Caddo também são índios Pueblo sobreviventes, porque resistiram às invasões espanholas. Segundo Dinah, os povos que cruzaram o Rio Mississippi conseguiram sobreviver, ao contrário de outros, que se recusaram a migrar e foram exterminados. Até hoje, a grande cidade de resistência indígena é Oklahoma. Os Navajo, por exemplo, realizaram uma grande marcha pelo deserto e a maioria deles sucumbiu. Os remanescentes desse povo não aceitam a cultura consumista norte-americana, preferem viver em *trailers* e se recusam a ser empresários. Ao contrário, os índios Seminole, da Flórida, expandiram seus negócios, comprando a cadeia de restaurantes Hard Rock Cafe. Anteriormente, já administravam hotéis e cassinos do grupo nas cidades de Tampa e Hollywood.

Os índios norte-americanos conseguiram avanços no que diz respeito à preservação de seus direitos. Atualmente existe um grupo intitulado Conserving Land for People, da Flórida, que luta pela reocupação de suas terras originais, remarcando seus territórios. “Hoje há índios no Congresso, com direito a voto e soberania. Passaram a ser respeitados juridicamente como os primeiros habitantes da terra. É um avanço, já que no século XIX não tinham direitos civis” explica Dinah. Eles estão reinventando suas tradições e se organizando em grupos para resgatar a sua cultura, principalmente o que se perdeu após a chegada dos invasores.

Nos Estados Unidos muitos deles exploram comercialmente aspectos da sua cultura. O Novo México é um grande estado turístico de cultura indígena e eles fecham a capital Albuquerque para formar o Indian Market, onde vendem objetos de cerâmica e de prata. ■

Um espaço dedicado à MPB

Novo centro cultural leva à Tijuca o melhor da música brasileira para ouvir, aprender ou conviver

Qual é a música? Não, não é o programa de TV. É uma dúvida de quem agora pode escolher entre a diversificada programação do Centro Municipal de Referência da Música Carioca, inaugurado em junho deste ano em um casarão histórico da Tijuca. Além de shows com o melhor da canção brasileira, num ambiente aprazível, há ainda uma escola de música, exposições, biblioteca, estúdio de gravação e auditório.

A idéia é transformar o ponto em local de convergência das mais variadas referências musicais, aproveitando a sua vocação local. “Quando a Prefeitura comprou o palacete, pensou-se em algo ligado ao meio ambiente, mas percebi que deveria abrigar uma atividade que já acontecia naquele lugar, de forma espontânea”, afirma o secretário das Culturas, Ricardo Macieira. O secretário se refere à reunião de artistas que acontece no chamado Bar da Dona Maria, ao lado do casarão, na Rua Garibaldi. É também o lugar onde os tijuicanos se concentram para o bloco carnavalesco *Nem muda, nem sai de cima*.

A decisão pelo Centro estava perfeitamente de acordo com a política que o secretário vem implantando desde que assumiu o cargo, em 2001. “Eu já tinha em mente que a política pública tem que estar voltada para o desenvolvimento da cidade, seja na parte cultural, econômico-social ou educacional, e nortear o crescimento, inclusão e preservação”, explica. Quando a Prefeitura entra em uma área de patrimônio, a atividade implementada tem que permitir o desenvolvimento local e conseqüentemente criar sustentabilidade.

O palacete tombado onde está instalado o Centro foi construído em estilo tardio europeu e comprado pela Prefeitura quando já estava degradado pelo abandono da última família que o habitara. Além de garantir utilidade cultural, o seu restauro faz parte da política de preservação de patrimônios da cidade. A restauração do imóvel durou cerca de dois anos e demandou um investimento de aproximadamente R\$ 3,7 milhões.



O projeto do novo centro cultural foi desenvolvido em forma de gestão compartilhada. Para a direção artística foram chamados o saxofonista e flautista Mário Séve, a harpista Cristina Braga e o violonista e compositor Moacyr Luz, três artistas sempre envolvidos em projetos de ►

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTO

DIVULGAÇÃO/SECRETARIA

MUNICIPAL DAS CULTURAS (SMC)

divulgação da música brasileira pela cidade, seja no samba e chorinho ou em estilos chamados “eruditos”. Essa tríade garante uma mistura bem dosada com a música popular que tem uma relação umbilical com a cidade. Pode-se dizer que a fórmula deu certo: em três meses de atividades, o Centro de Referência superou as expectativas da Secretaria, atraindo um público de peso em todos os eventos. “É ótimo quando a população se apropria de um espaço como esse. *Nos tornamos* um ponto de referência para os apaixonados por música. Isso é uma vitória”, comemora o secretário.

As opções são bem variadas, a começar pela escola de música, que tem seis salas de aula, onde serão realizados cursos regulares de iniciação e de teoria musical e de instrumentos, além de oficinas de técnicas de gravação, de produção musical e sobre a história da música carioca e brasileira. Entre as aulas, há o “Projeto Classe de Mestre”, direcionado a músicos e estudantes. Além disso, há uma agenda cultural que já conta com exposições e cineclube. Na parte de shows, há lançamentos de CDs e a programação “Hóspede do mês”, que traz artistas homenageando um grande compositor (começou com um tributo a Aldir Blanc, ilustre

morador das cercanias do casarão). E para “viver” a música, em setembro o palacete abrigou a *1ª Jornada da Música Carioca*, uma série de debates sobre os diversos aspectos da arte. Nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro, aconteceu uma feira de livros e CDs.

A cargo do núcleo de pesquisa e documentação ficará o inventário da produção musical da cidade. Lá, serão coletadas informações, haverá sistematicamente pesquisas e estudos, garantindo, assim, a difusão, o registro, a guarda de acervo, o ensino e a promoção da música aqui produzida. Com o tempo, os registros musicais ficarão disponíveis aos pesquisadores e estudantes. Além de Aldir Blanc, já foram homenageados os compositores Nelson Cavaquinho (em outubro) e Paulinho da Viola (em novembro).

Para o próximo ano, o secretário Ricardo Macieira garante que continuará o processo de consolidação do espaço como centro de convivência e manterá as atrações a preços populares e, em alguns eventos, entrada franca. “Queremos atingir todo tipo de público. A diversidade cultural é a riqueza do carioca. E nós vamos continuar promovendo formas de convergência”. ■

Casa de bamba

Deferências à musicalidade carioca demonstram a importância das nossas manifestações culturais, reconhecidas aqui e no exterior. Enquanto as calçadas do bairro de Vila Isabel continuam atraindo turistas por conter partituras de composições famosas de Noel Rosa e Cartola, entre outros, os ritmos e canções são preservados de diversas formas. Em outubro, a bossa nova, movimento musical que completou 50 anos, foi declarada patrimônio cultural carioca. Também este ano o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconheceu o samba (partido alto, samba de terreiro e sambanredo) como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Para isso, foi preparado um dossiê com base nas histórias sobre o surgimento do ritmo, com as famosas reuniões na casa da baiana Tia Ciata, na Praça Onze; em publicações, teses e monografias sobre o

assunto e no testemunho de vários sambistas da velha guarda. Para completar, foram mapeados os registros históricos das escolas de samba mais tradicionais da cidade: Salgueiro, Vila Isabel, Mangueira, Portela, Império Serrano e Estácio de Sá. Em 2005, o jongo ganhou esse mesmo status, por seu batuque, pontos cantados e dança.

Em 2008, será inaugurada a Cidade da Música Roberto Marinho, na Barra da Tijuca. O complexo abrigará a maior sala de concertos de orquestra sinfônica e ópera da América Latina e será a nova sede da Orquestra Sinfônica Brasileira da Cidade do Rio de Janeiro. Além da grande sala de concertos, com cerca de dois mil lugares, terá uma sala de música de câmara com 800 lugares, mais salas de ensaio, 10 salas de aula, centro de ensino, cinemas, lojas, restaurante e midiateca.

SERVIÇO

Centro Municipal de Referência da Música Carioca
Rua Conde de Bonfim, 824,
Tijuca. Tel.: 3238-3831.

Criatividade em sala de aula

Projetos desenvolvidos por professores revelam o potencial criativo da mídia e de suas linguagens



Cinco professores da rede municipal tiveram seus trabalhos selecionados para apresentação durante a V Mostra de Projetos Século XX1

A V Mostra de Projetos Século XX1 apresentou novos exemplos de como a mistura entre inovação, empenho e uso de mídias em sala de aula pode ser bem sucedida. Entre os 52 projetos inscritos, cinco foram selecionados e apresentados durante o 3º Encontro Internacional Rio Mídia, realizado no Planetário da Cidade. Os professores responsáveis pelas iniciativas exibiram, para um auditório repleto de profissionais ligados à educação, os resultados de suas ações, que utilizaram técnicas variadas para estimular os alunos, desde animação por meio de *softwares* até o tradicional formato das histórias em quadrinhos.

De acordo com a coordenadora do Programa Século XX1, Wânia Clemente, a Mostra cumpriu o seu papel. “Novamente, o evento demonstra o potencial da mídia e de suas linguagens, quando redimensionadas pelo professor de forma inédita e criativa no processo educativo. Ainda mais em uma realidade escolar que se revela cada vez mais complexa e desafiadora”, afirma.

Criatividade não faltou aos trabalhos expostos. A professora de história Katia Cor-

deiro, da Escola General Mendonça Lima, do Pechincha, baseou-se em dois eventos que estiveram em evidência na cidade, os Jogos Pan-americanos e a eleição do Cristo Redentor como uma das novas maravilhas do mundo para realizar o projeto “Esse é brasileiro”. Seus alunos produziram uma animação a partir de desenhos à mão, feitos por eles próprios, na qual a célebre estátua “pratica” diversas modalidades esportivas presentes no Pan. Para Katia, foi interessante notar como a percepção dos estudantes em relação à atividade foi mudando conforme a evolução do trabalho. “No início, eles encararam mais como brincadeira, pelo fato de ficarem desenhando, mas logo notaram que para a animação ficar bem feita era necessário esforço e responsabilidade”, lembra. “Quando viram o resultado final, ficaram muito felizes e perceberam que o comprometimento valeu a pena”.

Já o objetivo do projeto “Retratos da história do nosso Jacarezinho”, apresentado pela professora Alessandra Viana, da E. M Delfim Moreira, do Rocha, era incitar uma mudança na atitude dos alunos em relação ao bairro em ►

TEXTO

IVAN KASAHARA, REDATOR-
REPÓRTER DO PROGRAMA
SÉCULO XX1

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Cena da animação *Um lugar chamado Quitungo*, produzida no Núcleo de Artes Grécia

que a quase-totalidade dos jovens atendidos pela escola mora, o Jacarezinho. “Queremos que eles não tenham vergonha do lugar onde vivem e entendam que somente agindo como cidadãos podem mudar a realidade do entorno”, explica Alessandra.

Durante seis meses, ela e outras professoras coordenaram uma extensa pesquisa em que seus alunos coletaram informações sobre a localidade e suas famílias. Recuperaram a história do bairro, levantaram dados estatísticos, discutiram os principais problemas enfrentados, como a violência e a falta de saneamento básico, e produziram uma animação recontando o surgimento do Jacarezinho sob o inusitado ponto-de-vista de um pedaço de madeira. Além disso, trabalharam com fotos que retratam o bairro como é hoje e, por meio de edição digital, alteraram-nas de acordo com o que desejavam para o local. Dessa forma, um rio poluído ganhou águas cristalinas e um lixão se transformou em bosque. “Eles entenderam que seus sonhos, expressos nessas fotos, só se tornarão reais se tomarmos atitudes concretas”, comenta Alessandra.

O professor Luiz Claudio Lima, do Núcleo de Artes Grécia, da Vila da Penha, também buscou valorizar o bairro de seus alunos com o projeto “Identidade Brasil II”. A garotada produziu uma animação sobre a localidade do Quitungo, habitada primeiramente por escravos fugitivos que fundaram um quilombo.

Luiz Claudio recorda que em certo momento os alunos tomaram a frente do trabalho e refizeram o roteiro, por achar que o original estava chato. “É impressionante como, ao fazer parte do processo criativo, os estudantes se transformam. Eles assumem o trabalho com a vontade de como estivessem brincando”, constata.

Em sua constante luta para desmistificar a matemática, a professora Naira Cristina Lemos, da Escola Alzira Araújo, de Campo Grande, encontrou ajuda nos gibis no projeto “HQ em matemática”. Para atrair seus alunos, ela os estimulou a construir histórias que abordassem princípios matemáticos como frações, potencialização e equações. “De maneira lúdica, o trabalho com história em quadrinhos incentivou a criatividade e a cooperação entre os alunos, além de propiciar a investigação e a busca de diferentes soluções para um mesmo problema matemático”, explica Naira.

Por sua vez, o professor de artes cênicas Cláudio Garcia, das escolas Monteiro Lobato, de Guaratiba, e Narcisa Amália, de Pedra de Guaratiba, procurou agir com seus alunos da mesma maneira que fazia com os estudantes que participavam do *Abrindo o verbo*, da MULTIRIO, quando ele apresentava o programa. “Eu queria lhes dar voz, permitir que eles expressassem o que pensam”, diz. Desde 2001, Claudio produz curtas de ficção ou documentários com seus alunos a partir de temas próximos à realidade deles. Na Mostra, foram apresentados os curtas *Loucos pra beijar*, sobre a descoberta da sexualidade por adolescentes, e *Os dois lados da moeda*, sobre discriminação e preconceito. O professor faz apenas a edição dos vídeos. Todo o resto (roteiro, direção, atuação, trilha sonora, figurino etc.) fica por conta dos jovens.

Outras dezenas de trabalhos, tão interessantes quanto os cinco expostos, estão disponíveis no *site* do Século XXI. “É importante destacar que os projetos apresentados no Rio Mídia são apenas exemplos da excelência das iniciativas produzidas pelos professores da Rede”, lembra Wânia Clemente. Os demais projetos que se destacaram podem ser conferidos, juntamente com as mídias produzidas, na Mostra Virtual, de caráter permanente, no endereço www.multirio.rj.gov.br/seculo21. ■

Encontro de gente grande

Para aperfeiçoar o atendimento e o ensino oferecido às crianças de educação infantil, a 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) realizou em fins de outubro a 1ª Mostra de Trabalhos das Creches. O encontro, que reuniu coordenadores pedagógicos, professores-regentes e outros profissionais envolvidos com as turmas dos pequenos, foi no Centro de Convivência Padre Miguel, em Bangu. Vinte e uma creches expuseram seus trabalhos, entre oficinas, mesas-redondas e outras atividades. Aos diretores coube a tarefa de dar dicas sobre como cuidar e educar. Por fim, as recreadoras, figuras importantes para quem está dando os primeiros passinhos na vida escolar, receberam uma homenagem da CRE. NÓS DA ESCOLA acompanhou a mostra e registrou alguns momentos importantes.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



As recreadoras da 8ª CRE receberam uma homenagem pela dedicação às crianças



Reprodução do espaço de um dos expositores



Educadores aproveitaram o encontro para trocar experiências



Entre os trabalhos apresentados, um teatro de fantoches

NÓS DA ESCOLA publica mais alguns sumários de suas edições a partir da revista n.º 37.



Revista n.º 37
Ano 4/2006

- **Ponto e contraponto** – Música com corpo e alma
- **Zoom** – Um som gravado na memória. Naná Vasconcelos (músico)
- **Carioca** – Clássicos da modernidade. *Art déco*
- **Século XXI** – Ensino cada vez mais perto
- **Parceria** – O palco abre espaço à vida. (Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química)
- **Pan 2007** – Inclusão social pelo esporte. Vilas Olímpicas
- **Professor on-line** – Registro histórico do Rio. Acervo do Arquivo Geral da Cidade
- **Olho mágico** – Bonecos, jogos e brincadeiras. Nova série infantil
- **Caleidoscópico** – Escola. Que espaço é esse?
- **Rede fala** – Alfabetização: um olhar crítico. Elisângela Ortiz (E. M. Wan-Tuyl da Silva Cardoso)
- **Atualidade** – Aprendizado de democracia. Voto jovem
- **Matéria de capa** – Ouvidos abertos à imaginação. Ludicidade e som
- **Artigo** – Sons, sentidos e significados. Leila Blanco (Instituto Helena Antipoff)
- **Presente do futuro** – Encontro de mão dupla. Adoção
- **Pé na estrada #1** – Tesouro na Zona Portuária. (E. M. Darcy Vargas)
- **Pé na estrada #2** – Forma lúdica de aprender. (E. M. Pastor Miranda Pinto)
- **Pé na estrada #3** – Histórias que viram livros. (E. M. Soares Pereira)
- **Foi assim** – Trilha de história e riqueza. Caminho dos Jesuítas
- **Perfil** – Yes, nós temos Braguinha. Compositor Braguinha
- **Cartaz** – *O boto*
- **Giramundo** – Linguagem da animação

Revista n.º 38
Ano 3/2006

- **Ponto e contraponto** – Por uma alternativa ao sonho. Eliane Decache (antropóloga)
- **Zoom** – Qual é o seu segundo time?
- **Carioca** – Bola no pé em campo de areia
- **Século XXI** – Time carioca, paixão nacional
- **Parceria** – Oportunidades para todos. (Obra Social)
- **Pan 2007** – A vez do basquete na cidade. Projeto Bola na Cesta
- **Professor on-line** – Uma seleção 'hexacampeã'. Indicação de livros, vídeos, pinturas, sites, músicas e filmes sobre futebol
- **Olho mágico** – Olhar crítico sobre a mídia
- **Caleidoscópico** – Um plano de ação educativa
- **Rede fala** – Sensoriamento remoto como recurso didático. Dilene Fernandes Machado da Costa e Maria de Fátima Fernandes Donda (E. M. Visconde de Porto Seguro)
- **Atualidade** – Futebol, negócio da China
- **Matéria de capa** – Expressão de brasilidade. O futebol na sociedade brasileira
- **Artigo** – Futebol e cinema. Victor Andrade de Melo (UFRJ)
- **Presente do futuro** – Torcedores e consumidores
- **Pé na estrada #1** – Um, dois, três e ...jogo! (E. M. Mário Quintana)
- **Pé na estrada #2** – Folclore durante todo o ano (Ciep Padre Paulo Corrêa de Sá)
- **Pé na estrada #3** – Arte consagrada na escola (E. M. Bárbara Ottoni)
- **Foi assim** – Templo do esporte bretão. Maracanã
- **Perfil** – Dedicção em dose dupla. João Saldanha
- **Cartaz** – Curiosidades sobre o futebol
- **Giramundo** – Futebol II





Revista nº 39
Ano 4/2006

- **Ponto e contraponto** – Brincar e aprender o mundo. Angela Lago (escritora e ilustradora de livros infantis)
- **Zoom** – Com qual personagem você mais se identificou na infância?
- **Carioca** – Ode ao 'maestro soberano'. Legado de Tom Jobim
- **Século XXI** – Informática sem complicação
- **Pan 2007** – Lazer ao alcance de todos. Programa Germinal Mel
- **Professor on-line** – A opinião dos professores. Classificação indicativa
- **Olho mágico** – Portas abertas ao cidadão. *Rio, a cidade!*
- **Caleidoscópio** – Um olhar transformador
- **Rede fala** – Roda de escuta. Rosilene Mattos (2ª CRE)
- **Atualidade** – Glossário para a hora do voto
- **Matéria de capa** – O que é, o que é: quanto mais com ela se brinca, mais nova fica? Ludicidade e linguagem
- **Artigo** – A imagem da arte literária processada pelo xadrez. Maríllia Raeder Auar Oliveira (Uerj)
- **Presente do futuro** – Atentado contra a inocência. Abuso sexual infantil
- **Pé na estrada #1** – A imagem como recurso didático. (E. M. Dom Pedro I)
- **Pé na estrada #2** – Um prato recheado de saúde. (E. M. Grandjean de Montigny)
- **Pé na estrada #3** – Vozes feitas com dedicação. (E. M. Newton Braga de Faria)
- **Foi assim** – Eternos espelhos d'água. Lagoa de Jacarepaguá
- **Perfil** – Anjo disfarçado de homem. Mário Quintana
- **Cartaz** – *O curupira*
- **Giramundo** – Intertextualidade



Revista nº 40
Ano 4/2006

- **Ponto e contraponto** – Tempo, matéria-prima da vida. Rosiska Darcy de Oliveira
- **Zoom** – O que é que você costuma fazer durante as suas horas de lazer?
- **Carioca** – Visitas guiadas ao passado. Programa da Fundação Parques e Jardins
- **Século XXI** – Novidades na tela do monitor
- **Parceria** – Convivência com a felicidade. (Obra Social)
- **Pan 2007** – Ação antitabagista na escola
- **Professor on-line** – Aposentadoria sem mistério
- **Olho mágico** – Origem lúdica das palavras
- **Caleidoscópio** – Compromisso com a infância
- **Rede fala** – O espaço da diferença na formação de leitores. Stella de Moraes Pellegrini (E. M. México)
- **Atualidade** – Prevenção é a grande arma. Aids, sexualidade e alcoolismo entre jovens
- **Matéria de capa** – O lazer a serviço do capital. Ludicidade e consumo
- **Artigo** – É possível resgatar o ócio na sociedade de consumo? Eliana Gonçalves (UFPR)
- **Presente do futuro** – Alerta a pais e professores. *Sítes* de relacionamento na internet
- **Pé na estrada #1** – Retrato da gente brasileira. (E. M. Narbal Fontes)
- **Pé na estrada #2** – Aventura pelos recantos do Rio. (E. M. Clotilde Guimarães)
- **Pé na estrada #3** – Música para alimentar a alma. (Fecem)
- **Perfil** – O alto vôo do Pai da Aviação. Alberto Santos-Dumont
- **Foi assim** – A queda do palácio de ferro. Mourisco
- **Especial** – Meninos e pais na escola. Macrofunção vida
- **Cartaz** – Folclore
- **Giramundo** – Xadrez

Ciclos de formação: a reinvenção dos espaços

Um aspecto comum aos textos dos autores que nos ajudam a refletir sobre os ciclos de formação é a necessidade de reorganizarmos os tempos e os espaços escolares. Em primeiro lugar, precisamos assumir tanto o tempo como o espaço como criações humanas, invenções culturais produzidas historicamente em uma relação dialética dos homens e mulheres com o mundo. Assumir o caráter histórico e cultural desses dois grandes conceitos nos ajuda a romper com idéias inexoráveis, deterministas, reproduzidas em práticas e discursos que negam o mover-se do mundo, negam o movimento e ação humanos sobre o mundo, que nos nega como inventores de nosso próprio tempo, inventores de nosso próprio espaço e autores de nossa própria história, negando ou ignorando também o quanto esses conceitos, tempo e espaço nos formam, imprimindo em nós certa forma de ser e estar no e com o mundo.

Atualmente, caminho por três modelos arquitetônicos de escolas diferentes. Um ciep, uma escola-modelo e uma escola “lelé”¹. Modelos que, como toda criação humana, estão impregnados de conceitos, representam um tempo, uma idéia, uma intenção. Diferentes formas de materializar a mesma instituição social: a escola; tendo a *priori* a mesma função: educar as novas gerações; que guardam inscritas em suas formas, tamanhos, distribuição e organização dos espaços diferenças significativas, mas que têm em si o mesmo limite: não foram espaços pensados para uma escola ciclada, não são arquitetonicamente projetados para a reorganização espacial que o trabalho em ciclos nos propõe. São espaços físicos projetados para escolas seriadas.

Dois autores nos ajudam a refletir sobre esse espaço escolar: Foucault e Certeau. O primeiro nos lembra que, como a instituição social que conhecemos, a escola nasce inspirada em outras três instituições: o presídio, a fábrica e o manicômio, e com eles compartilha até hoje profundas semelhanças: “soltamos” os alunos, esperamos tocar o “sinal” que nos liberta...

O ciclo nos convida a criar a escola como um lugar de libertação, de produção criativa e

autônoma, de desenvolvimento para além dos limites – geralmente mediocres – que a “normalidade” tenta nos impor. Como construirmos esta escola-semente, que vem lutando para brotar no seio deste terreno rochoso que encontramos no espaço físico criado para uma escola que tem em seu desenho historicamente a intenção de reprimir, de prender e repreender, de condicionar, controlar ou, como diria Foucault, “vigiar e punir”?

Exercendo nossa humanidade. Transgredindo, movendo-nos astuciosamente em cada brecha, recriando e reinventando esse mesmo espaço, olhando para além dos limites (que são reais) para encontrarmos as possibilidades – também reais –, como a humanidade fez sempre que o mundo exigiu ser reinventado.

Este foi o desafio enfrentado quando, como professora de uma turma do primeiro ano do primeiro ciclo em uma escola “lelé”, me vi presa com 28 crianças, pulsando de energia e vontade de conhecer, em uma sala pensada para atividades individuais, silenciosas, ordeiras. Um espaço pensado para o controle dos corpos, que tenta nos limitar o movimento, condicionar corpos e mentes. Herança de um outro tempo, de uma outra escola. Um tempo que não é (não mais!) o meu, uma escola que não é a minha.

Por isso rompi com as paredes de minha sala e ganhei o corredor – inexplicavelmente maior que a própria sala –, onde meus alunos podiam mover-se em várias mesas, escolhendo entre os muitos jogos pedagógicos do acervo da escola, ou realizando pesquisas coletivamente, ou pintando, ou conversando sobre temas e objetos, sentados em roda, atividades impossíveis – apesar de fundamentais – de ser realizadas no espaço oficialmente oferecido, mas possíveis, se entendermos que toda a escola nos pertence, que todo espaço escolar é fundamentalmente pedagógico e que cabe a nós, sujeitos que ocupamos esse espaço,



Andréa Serpa

Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); professora da E. M. Denise Maria Torres (ano 1, 1º ciclo) citada no texto; E. M. Cláudio Besserman Vianna (E. I.); Ciep Compositor Donga (Peja) – todos na 7ª. CRE.

¹Modelo que herdou o apelido do arquiteto que a idealizou.

transformá-lo em lugar – espaço praticado –, em nosso lugar, em nossa escola. Essa expansão de nossas possibilidades tem sido a nossa tática, a nossa forma de nos apropriarmos deste espaço e assumindo as rédeas de nosso próprio fazer. Tática utilizada por vários colegas, assim como pela coordenação.

Tudo em minha escola é grande demais para suas paredes. Porque a escola que desejamos construir – ou pelo menos parte de nós – está comprometida com a criação, com a interatividade, com o movimento... e por isso transgride, espalha-se, pulsando viva, libertando-se desta arquitetura que tenta nos aprisionar, porque somos praticantes, e a interagimos com o mundo, não somos determinados por ele, somos sujeitos. Como nos ensina Certeau: “Sem sair do lugar onde tem que viver e que impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação, ele tira daí efeitos imprevistos” (2004, p. 93)

Somos sujeitos que não nos moldamos simplesmente ao que nos está posto. Porque entendemos que aqueles que o fazem estão assumindo não uma postura neutra, mas uma postura submissa, acrítica, cordata, comprometida com uma escola prisioneira de outro tempo, comprometida com o assujeitamento de nossas crianças e jovens a uma ordem que não pode mais existir dentro de uma escola que se pretende ciclada, comprometida com um mundo que cada vez mais nos assusta – quando não nos devora – com as mais ferozes expressões de individualismo, indiferença, competição sem ética ou limite, exploração e intolerância. Um mundo que precisamos urgentemente recriar e que pode ser reinventado, apesar de todos os limites, a partir de nossas escolas. ■

Referência bibliográfica

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

MATINTA PERERA, da Série Juro que Vi

Prêmio Especial Japão 2007



Para obter a cópia deste produto para a sua escola, ligue 2528-8282

Recursos multilíngües na web

'Sites' podem contribuir para aulas de língua estrangeira com exercícios, jogos, imagens e literatura



Cada vez mais preocupados em usar novas tecnologias para incrementar o trabalho, os professores estão sempre em busca de aliados na *web*. O problema é que quase sempre os educadores não encontram tempo suficiente para uma navegação de pesquisa, o que é uma pena, por exemplo, para quem dá aula de língua estrangeira, que oferece recursos bem atrativos para os jovens, como letras de música, curiosidades culturais etc. NÓS DA ESCOLA deu uma navegada na *web* para contar o que encontrou de interessante e relaciona alguns *sites* indicados por instituições recomendadas.

EM ESPANHOL

Didactiteca – Centro Virtual Cervantes

Com clássicos da língua espanhola. Entre outros, há poesias de San Juan de la Cruz e uma comédia de Lope de Vega. A cereja do bolo não poderia ser outra: a obra-prima de Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha* (que em outra janela é o tema de diversos ensaios críticos). Destaque também para a página dedicada às artes visuais, incluindo a galeria “Cien años de publicidad española”.

- <http://cvc.cervantes.es/obref>

TEXTO

BETE NOGUEIRA

IMAGENS

REPRODUÇÕES DOS SITES

Aula de letras

Amplio material para a aprendizagem da literatura e língua; a história dos meios de comunicação; exercícios: livros eletrônicos etc.

- www.auladeletras.net

Centro Español de Recursos

Com o apoio do governo da Espanha, os objetivos do Centro Español são a educação contínua, o ensino e a difusão cultural.

- <http://src.unm.edu>

Comunicativo

Material separado em três níveis destinados aos professores. Traz jogos, testes, exercícios sobre verbos e visita a uma galeria de arte.

- www.comunicativo.net

Didáctica del Español

Material didático com artigos, arquivos de áudio e de vídeo etc.

- www.didacticadespanol.tk

Elenet

Exercícios distribuídos em níveis, artigos e fórum de discussão. Redireciona para páginas de dicionários.

- www.elenet.org

Learn Spanish

Este é para quando o professor quiser propor um trabalho interdisciplinar, aguçando a curiosidade dos alunos para eles descobrirem semelhanças e diferenças entre o espanhol e o inglês.

- <http://studyspanish.com>

Há muitas outras sugestões no *site* do Instituto Cervantes do Rio, em “Links sugeridos”, seção “Ensino de línguas”.

- <http://riodejaneiro.cervantes.es>

EM FRANCÊS

Restez Br@nché!

Sistema multimídia para aprender e ensinar fran-

cês, que tem como base o material da TV5, da França. Há o programa de TV, também veiculado dentro da faixa da MULTIRIO (*veja a grade na última página da revista*). Semanalmente, são renovados os documentos pedagógicos e as transcrições das reportagens e dos videoclipes. Como não é um método, há flexibilidade para o professor trabalhar no seu ritmo. Há ainda uma seção de perguntas e respostas.

- www.multirio.rj.gov.br/frances

Mediateca da Maison de France

Com uma seleção de *sites* que tornam disponíveis milhares de obras francesas já em domínio público, artigos de revistas universitárias e imagens livres de direito autoral. Contém diversos *links* para programas da TV francesa, canais universitários e rádio on-line.

- www.maisondefrance.org.br/mediateca

Bonjour de France

Contém vocabulário, gramática, lista de expressões idiomáticas, jogos e muitos textos sobre a França. Seleção de *sites* propostos pelo educador François Mangenot. Estudos, pesquisas e o *link* para instituições culturais e educativas, como os museus do Louvre e Orsay.

- www.bonjourdefrance.com

Le point du FLE

Fichas de aula de gramática interativa e exercícios autocorretivos de verbos, ortografia etc. Entre outras opções, oferece textos de cultura geral e dicionário.

- www.lepointdufle.net

Franç Parler

Uma comunidade para professores de francês de todo o mundo. Com fórum, *blog*, atualidades e até dicas para se fazer um bom projeto.

- www.franccparler.org

EM INGLÊS

English for all

Na parte dedicada aos professores, traz uma longa lista de outros *sites* que podem auxiliar o professor: por exemplo, planos de aula baseados nas notícias do canal norte-americano CNN, *sites* de desenhos animados que os jovens *curtem*, como *Os Simpsons*, e muitas sugestões



de leitura. O espaço dos alunos está disposto em diversos níveis e estimula o aluno a fazer os exercícios de forma independente.

- www.english4all.pro.br

English home

O forte desse *site* são os exercícios de gramática. Dispõe ainda de jogos para a sala de aula, vocabulário, planos de aula e sugestões de leitura. O professor também encontra uma janela para fazer suas pesquisas, entre outros recursos.

- www.english-home.com/sources/aqua/aq/perso.wanadoo.es/autoenglish/index.html

Sobre sites

Exercícios divididos por níveis e tópicos; explicações teóricas sobre pontos gramaticais; *quizzes*; *games* e dicionários on-line. *Link* para o *site* da editora Longman, que oferece atividades para todas as idades, glossários e fóruns.

- www.sobresites.com/ingles/exercicios.htm

Dicionário de gírias

- Americanas: www.manythings.org/slang
- Britânicas: www.peevish.co.uk/slang/a.htm

'Quizz' para crianças

- <http://www.manythings.org/vq>

Letras de música (com tradução)

- www.lyrics.mus.br
- www.buscaletras.com.br/listagem/letras-traduzidas.html
- <http://vagalume.uol.com.br> ■

Uma proposta possível

O reagrupamento flexível promove a apropriação de diferentes conhecimentos por todos os alunos

“(…) Um currículo para a formação humana é, assim, aquele orientado para a inclusão de todos no acesso aos bens culturais e ao conhecimento. Está, assim, a serviço da diversidade”

ELVIRA SOUZA LIMA, 2006

A escola é constituída por alunos que apresentam diferenças em todos os aspectos: biológicos, culturais, psicológicos, físicos, ritmos de aprendizagem etc. Cabe a nós, professores, baseados no que nos afirma a professora Elvira Souza Lima, elaborar propostas pedagógicas que contemplem a diversidade. Desse modo, é preciso promover ações que considerem as realidades distintas do alunado, observando sempre as suas possibilidades. Buscar uma resposta educativa adequada é a função primeira da escola para garantir que todos os alunos, cidadãos que têm direito ao acesso aos bens culturais, se apropriem dos conhecimentos acumulados pela sociedade.

Como a escola pode se organizar de modo a contemplar a diversidade de alunos e professores que a compõem? Ter como pressuposto que todos os alunos são capazes de aprender, mesmo que por caminhos distintos, e que precisam de tempos e estratégias de ensino diferenciados para se apropriarem dos conhecimentos escolares é fundamental. Este é o desafio da educação atual: possibilitar o acesso e a apropriação de conhecimentos à totalidade de alunos, ao construir um currículo a serviço da diversidade, promovendo, assim, a inclusão.

Uma das estratégias possíveis para atender a essa demanda é o reagrupamento flexível (RF). Ao inserir essa ação no cotidiano da escola, é importante que pensemos e ajamos de modo coletivo. O processo de reflexão – ação sobre a organização do tempo e do espaço escolares deve envolver toda a escola. As questões levantadas por cada professor sobre seus alunos precisam ser discutidas e a forma de encaminhá-las, pensada e planejada por todos os envolvidos no processo educacional. Será difícil realizar o reagrupamento flexível sem esse coletivo estar integrado na ação.

- O que é o reagrupamento flexível?
- Para que realizar o reagrupamento flexível?
- Como realizá-lo?
- Como avaliar o desenvolvimento e o alcance de objetivos no trabalho do RF?
- Quem formará os grupos de alunos e qual o critério para fazer os grupos?
- De quanto em quanto tempo os grupos serão modificados e por quê?

Essas indagações devem ser debatidas, principalmente, nos centros de estudos da escola e nos conselhos de classe, de modo que a estratégia do reagrupamento flexível, uma das propostas utilizadas pela escola para promover a aprendizagem dos alunos, tenha êxito.

TEXTO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA,
ASSISTENTE DO E/DGED

ARTE

ALINE CARNEIRO

Os professores, a partir de um processo de observação, levantarão os grupos que necessitam ser formados, considerando as dificuldades que apresentam seus alunos, suas limitações e possibilidades e seus interesses, os diferentes ritmos de aprendizagem, a necessidade de ampliarem seus conhecimentos etc.

É possível reagrupar os alunos sem estereotipá-los, dependendo de como as atividades serão desenvolvidas e das relações de ensino que se estabelecerem nos diversos espaços da escola. As propostas desenvolvidas devem ser criativas, envolver diferentes linguagens e os professores precisam ter clareza do objetivo a realizá-las. Os grupos não precisam ser fixos e podem variar de período em período, sendo modificados de acordo com a avaliação dos professores em relação ao alcance dos objetivos traçados ao formarem cada grupo. Portanto, o reagrupamento é flexível pois varia de acordo com as necessidades dos alunos e a avaliação dos professores.

- O que nos fez reunir um determinado grupo de alunos?
- Alcançamos os objetivos com aquele grupo?
- Devemos reagrupá-los de outro modo? Por quê?
- Que novas propostas de reagrupamento teremos para os alunos?
- Que novas formas de ensino poderemos usar, para que os alunos se apropriem de determinados conhecimentos?
- Outro ponto importante a ser considerado é quanto à diversidade de professores que existem na escola.

Qual professor vai ser responsável por um determinado grupamento e por quê? Ao realizar um trabalho semanal com um aluno no reagrupamento, um professor pode estabelecer um processo de ensino que possibilite ao aluno se apropriar de um conhecimento que na sala de referência não conseguiu. Porém, isso não significa que um professor é melhor do que outro. Como os alunos, os professores também são pessoas diferentes e podem ter mais facilidade em trabalhar em uma área do conhecimento ou com um tipo de linguagem específica do que outros. Deste modo, a visão mais ampla sobre um assunto ou o domínio de uma determinada linguagem podem ser um diferencial e facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, mesmo que não sejam da turma do professor que atua em um determinado grupamento.

Grupar os alunos por seus interesses e realizar projetos que ampliem os conhecimentos é outro critério de formação dos grupos.

É preciso planejar, registrar e avaliar o que foi proposto para o trabalho nos reagrupamentos, replanejando sistematicamente essa ação a partir da discussão coletiva.

O objetivo do reagrupamento flexível é, portanto, mais uma forma de ampliar as possibilidades de desenvolvimento dos alunos e promover a apropriação de diferentes conhecimentos escolares por todos os educandos. ■

Referência bibliográfica

LIMA, Elvira Souza. *Currículo e desenvolvimento humano*. MEC, 2006.





O livro didático em questão

Renato Medeiros tinha 10 anos e trabalhava desde os cinco ajudando o pai na venda que garantia o sustento da família. Sonhava em ir para a escola, mesmo tendo aprendido a ler com dois amigos mais velhos que haviam despertado nele o fascínio pela leitura de gibis – coloridos, baratos, fáceis de comprar e de trocar. Escrever? Só o nome completo e números em operações simples. Aos 12 anos, ajudado por uma tia, foi matriculado na escola, ganhou uniforme, mochila nova, livros, cadernos e foi viver seu sonho. Já na primeira semana, chorou, teve medo e vergonha. Descobriu que sua leitura não lhe permitia entender quase nada do que via escrito nos livros escolares. Desestimulado, convencido de que sabia pouco ou quase nada, pediu à tia que o tirasse dali e o levasse de volta à venda do pai. Lá ele era esperto e sabido, além de ganhar dinheiro para comprar mais e mais gibis.

O personagem Renato Medeiros é inventado, mas a sua história, ainda que com pequenas adaptações, poderia fazer parte do “diário de bordo” de qualquer professor e, de modo definitivo, da vida de muitas crianças e adultos brasileiros. Como muitas vezes acontece em sala de aula, a dificuldade do menino de entender o que está escrito nos livros tem muito mais a ver com a distância entre o discurso impresso nas páginas do material didático e seu universo do que com sua real capacidade de leitura e, em última análise, com suas possibilidades de aprender o que as escolas precisam ensinar. A razão que leva a essa desconexão merece páginas e páginas de texto. Aqui, vamos apenas levantar pistas e aproveitá-las para refletir sobre o peso que o livro didático vem tendo no processo de constituição de conhecimentos, conceitos e valores.



Em 2006, o mercado editorial brasileiro publicou quase 180 milhões de exemplares de livros didáticos, que foram distribuídos para escolas públicas em todo o território nacional. Arriscamos dizer que a maior parte dos títulos foi publicada por grandes editoras, com longa tradição na produção desse tipo de publicação. Só para o governo federal, naquele ano, elas venderam mais da metade da produção, cerca de 97 milhões de exemplares. O mercado é atraente, rentável e exige investimento alto, que só compensa com a produção em escala. Por isso mesmo é dominado por grandes grupos editoriais. Outra coisa: esses grupos na sua maioria estão situados no eixo Rio–São Paulo.

Essas características do setor devem ser consideradas, se quisermos entender as opções editoriais feitas pelas empresas que publicam livros didáticos. Apenas para citar um exemplo – entre tantos outros expressos nos enunciados, nas perguntas, nos textos presentes nesse tipo de publicação –, não é contemplada a diversidade de contextos, de cenários, valores, culturas do Brasil, que tem dimensões continentais. O mesmo acontece também, em alguns casos, quando se desconhecem as diferenças de nomenclatura e de linguagem de cada parte do país. Crianças no interior do Amazonas, por exemplo, muitas vezes usam livros que trazem referências de grandes centros urbanos. Não é de estranhar que isso aconteça, porque algumas padronizações editoriais são feitas a partir da

necessidade de produzir material que atenda de uma só vez a todas as escolas do país. Além disso, podem levar em conta apenas o ponto de vista dos profissionais desses grandes grupos editoriais, quase sempre situados na região Sudeste.

Em depoimento à revista *Carta Capital* (nº 464), a propósito da matéria “História como ela é”, que trata da exclusão de uma publicação de história do *Guia Nacional de livros didáticos*, uma professora do Acre deu um depoimento sobre o conteúdo dos livros que recebia em sua escola expressando essa preocupação: “o conteúdo está muito aquém da realidade de quem mora fora do eixo Rio–São Paulo. Não há referências sobre a história local e a maioria das atividades propostas só pode ser realizada em grandes centros urbanos”.

Se pensarmos no que falta ao livro didático e o que pode melhorar, certamente a lista será grande. Cada professor terá uma ou muitas sugestões a fazer. Mas Maria Cristina de Lima, da equipe de Alfabetização da Diretoria de Ensino Fundamental (DEF) da Secretaria Municipal de Educação (SME), foi mais longe ao constatar que “na verdade, falta ao livro o que ele não pode ter: uma proposta que atenda à singularidade dos sujeitos, dos seus grupos e, no caso da escola, das relações que se estabelecem e são próprias de cada contexto de ensino”. Ela tem toda a razão. Quem conta com um livro didático que atenda às diferentes comunidades esco- ▶

TEXTO

MARIA INÊS DELORME E
MARTHA NEIVA MOREIRA

ILUSTRAÇÕES

ADRIANA SIMEONE E
CLAUDIO GIL

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

lares deste país está pensando no impossível, pelo menos hoje, do jeito que está concebido o processo de produção, avaliação e distribuição do material. Paradoxalmente, é a partir do que aparentemente falta ao livro didático que se pode encontrar um valioso recurso para desenvolver um trabalho rico em sala de aula.

E é aí, nesta lacuna aberta pelo que o livro didático jamais poderá trazer, que a figura do professor se faz imprescindível. Uma aula, como bem observa o professor Carlos Fernando Galvão, da equipe de Desenvolvimento Curricular da DEF/SME, é “um espaço privilegiado de troca de impressões, sensações, emoções, informações, dados, reflexões para que todos – professores e estudantes – se desenvolvam criticamente na apreensão do mundo em que vivem”. Por isso mesmo, ele diz, limitar todo esse processo ao que está presente em um único guia, no caso o livro didático, é empobrecê-lo muito.

Além disso, não podemos esquecer que o conteúdo presente em um determinado material a ser usado em sala é um recorte de teorias e questões pertinentes a diferentes áreas do conhecimento, em um tempo e espaço determinados, e a partir de uma ideologia, de uma compreensão de mundo do autor. Portanto, o livro didático é uma – e apenas uma – forma de apresentar um certo conteúdo. Há outras. E é importante que esse aspecto seja explicitado, trabalhado, aproveitado pelo professor na sua prática. Questionar o modelo de apresentação de uma teoria, um pensamento contido

no seu material de trabalho e pensar outras possibilidades, outros padrões a partir dele é trabalhar com a diversidade, conceito tão caro ao universo escolar. Conversar com os alunos sobre o que determinado autor valoriza, sobre o tratamento que dá ao assunto, o que omite ou subdimensiona em comparação com outro autor pode ser um encaminhamento respeitoso, ético e extremamente rico, não só sob o ponto-de-vista das relações de alunos com o seu professor e de ambos com o conhecimento, como também pela possibilidade de aguçar a curiosidade do grupo na direção de mais informações e conhecimento. Assim, é possível ampliar questões a partir de dúvidas que possam surgir, trabalhar a busca de fontes e constatar concretamente que o conhecimento construído, aquele que deixou marcas na história da humanidade, não fica estático no seu tempo e espaço: vai sendo ressignificado por outros autores, outros leitores.

Nesse viés, cabe a afirmação ousada de que a riqueza histórica, cultural e escolar jamais caberá em apenas um material, seja ele qual for. “A contemporaneidade exige hoje uma visão multifacetada das informações. (...) Ao trabalhar com diferentes perspectivas, com a análise crítica e a ampliação das visões existentes, estamos trazendo para a sala de aula a análise e a reflexão, des-

As menções usadas no PNLD

Excluído – Obras que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceitos ou discriminações de qualquer tipo.

Recomendado com ressalva – Obras com qualidades mínimas que justificam sua recomendação, embora apresentem problemas que, se bem trabalhados pelo professor, podem não comprometer sua eficácia.

Recomendado – Obras que cumprem corretamente a sua função, atendendo satisfatoriamente não só a todos os princípios comuns e específicos, como também aos critérios mais relevantes da área.

Recomendado com distinção – Obras que se destacam por apresentarem propostas pedagógicas elogiáveis, criativas e instigantes, de acordo com o ideal representado pelos princípios e critérios adotados nas avaliações pedagógicas.



misticando o conceito de conhecimento pronto, acabado, único e verdadeiro”, aponta Patrícia Rosa, também da equipe da DEF/SME.

Real x ideal – Com longa experiência nesse debate e vários livros publicados sobre a área de leitura e escrita, Magda Soares, professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), diz que há um uso real e outro ideal do livro didático pelo professor. Ela falou sobre o assunto em entrevista concedida ao programa *Salto para o futuro*, da TVE, em 2002, e disponível no *site* da emissora. “O papel ideal [que professor teria ao lidar com o livro didático] seria apenas o de um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas (de novo vou insistir) por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. (...) É uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, de se atualizar. A consequência é que ele se apóia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático deveria ser apenas um suporte, um apoio, mas

realmente ele acaba sendo uma diretriz básica do professor no seu ensino”.

De fato, para muitos e muitos docentes, funciona quase como bíblia mesmo. E, obviamente, as condições de trabalho contribuem para isso. Mas há um aspecto sobre a evolução do material didático no país, apontado pela própria Magda, na mesma entrevista, que tem tudo a ver com esta discussão e que vale a pena refletir. Ela conta que houve duas grandes mudanças ao longo da história dos livros didáticos no Brasil. A primeira, o surgimento de exercícios nessas publicações, a partir da década de 1960. “(...) Antes, um livro, em geral, só fornecia ao professor elementos básicos para o seu trabalho. Atualmente os livros procuram dar uma orientação mais detalhada ao professor. Para exemplificar isso, a *Antologia nacional*, muito usada durante os anos 60 nas aulas de português, era apenas uma antologia, uma coletânea de textos”. A outra mudança foi o surgimento do livro do professor bem no início dos anos 70. “Antes disso, eu imagino que os professores considerariam quase uma ofensa ▶

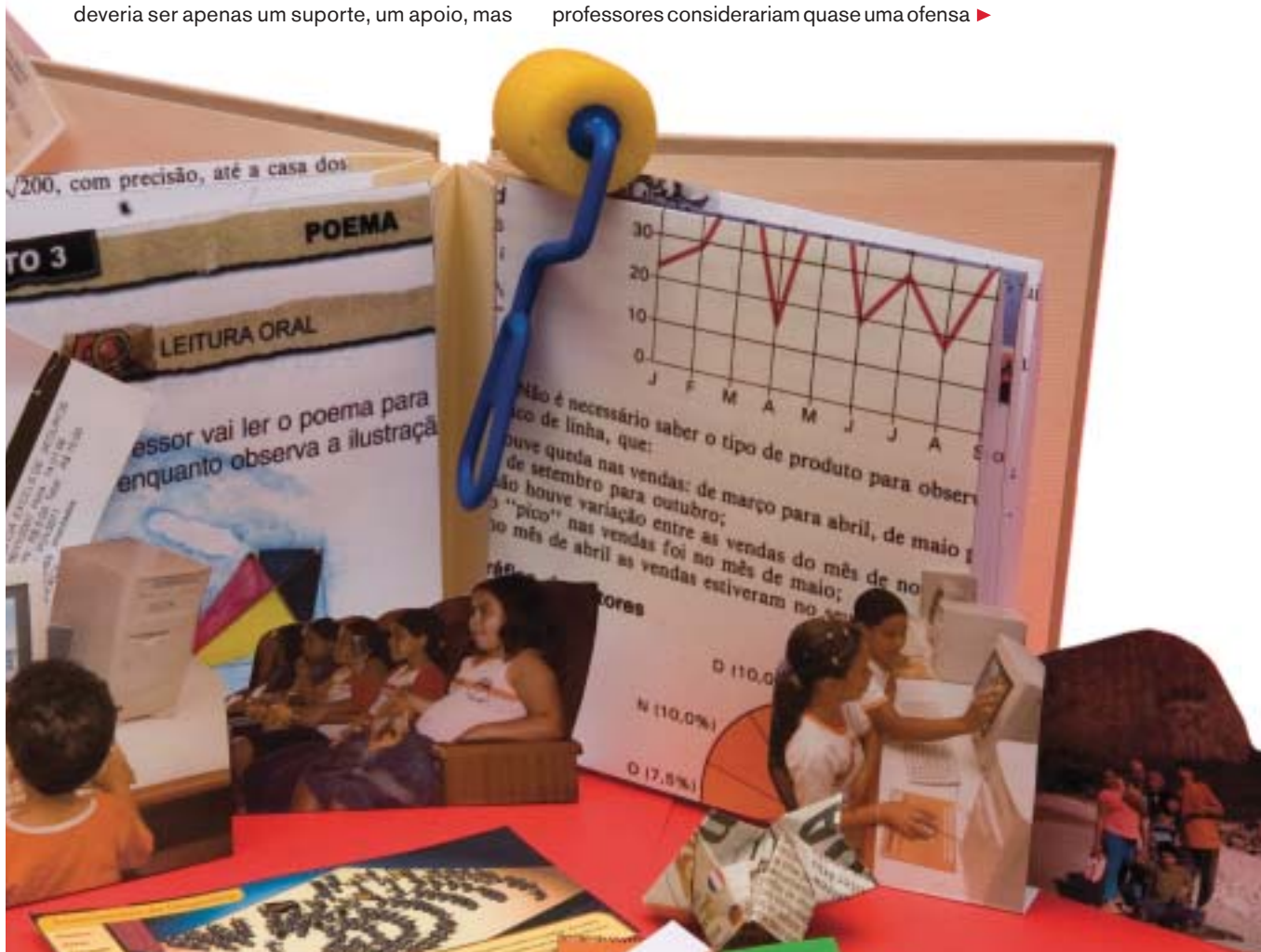
SAIBA MAIS

Sites

- Ministério da Educação
<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=377>
- TVE
www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/magda_soares.htm

Livros

- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- CARDOSO, Beatriz e EDNIR, Madza. *Ler e escrever, muito prazer!* São Paulo, Ática, 2004.
- RODARI, Gianni. *A gramática da fantasia*. São Paulo, Summus, 1982.





ser-lhes oferecido um manual do professor ao lado do livro do aluno (...)."

Hoje o manual do professor, aparentemente tão imprescindível, nem sempre é usado de forma produtiva para a constituição de conhecimentos na escola entre alunos e professores. É freqüente a reprodução dos exercícios ali contidos nas avaliações escritas dos alunos. Assim, há casos, ainda hoje, de provas e testes plenos de "Arme e efetue", "Ligue a coluna da direita com a da esquerda", "Relacione os rios da margem direita do Amazonas em ordem alfabética", "Sublinhe as preposições", "Complete a cena" e tantas outras frases típicas de livros didáticos. Uma reflexão oportuna e importante é quando

to à validade de uso desses enunciados como elementos que contribuiriam minimamente para que os alunos viessem a produzir suas próprias questões sobre aquilo que está sendo dado: se são enunciados que ao invés de abrir questões encerram respostas; se estimulam a narratividade do aluno; se privilegiam datas, fatos e não processos, resultando em um discurso descontextualizado e por isso mesmo difícil de entender para o estudante.

Nesse sentido, vale ressaltar o comentário de Patrícia Rosa, da equipe da DEF/SME, sobre o peso que o livro didático tem na sua prática: “Por considerá-lo instrumento pedagógico, posso utilizá-lo como deflagrador, como problematizador, como fonte de novas rotas para novos conhecimentos, como mais uma fonte de

consulta, ou seja, como suporte de uma ação pedagógica”.

Hoje, além de recursos como livros de literatura, alfabetário, flanelógrafo, o antigo mimeógrafo (que ainda pode ser utilizado de várias formas lúdicas na sala de aula com os alunos), aulas-passeio, entre outros, conta-se ainda com a dimensão mídia da internet, dos *i-pods*, celulares, jogos eletrônicos... Se forem levados em conta os conhecimentos e todos os aspectos cognitivos, socioafetivos etc. que certas brincadeiras e jogos exigem de crianças e jovens, com ou sem o uso direto de tecnologias, será mais fácil conhecer os caminhos dos interesses de cada grupo e de cada um dos alunos da turma. Autoconfiança, curiosidade e cumplicidade são elementos fundamentais ►

Às histórias, vamos nós!

MARIA THEREZA COELHO*

“Mundo, mundo, vasto mundo...” Não me chamo Raimundo, mas sou parte da rima que orchestra as histórias de Raimundos, Teresas, Clarices, Franciscos, contadas, cantadas, pintadas, fotografadas, filmadas por tantos outros de nós, tecelões das teias que, entrelaçadas ao longo desses tempos afora, narram a grande, pujante, errante história da humanidade.

É tempo de contar e escrever histórias. Vamos a elas!

Quando o homem pré-histórico sentiu necessidade de expressar o que via à sua volta e, de rabiscos a desenhos, registrou seu modo de viver, seus companheiros de caverna ou animais que o assustavam, tornou-se um “animal” diferente de todos os outros que o cercavam. A capacidade de observar, detalhar e registrar o dia-a-dia e a relação com a natureza estava posta: começamos a narrar nossa história.

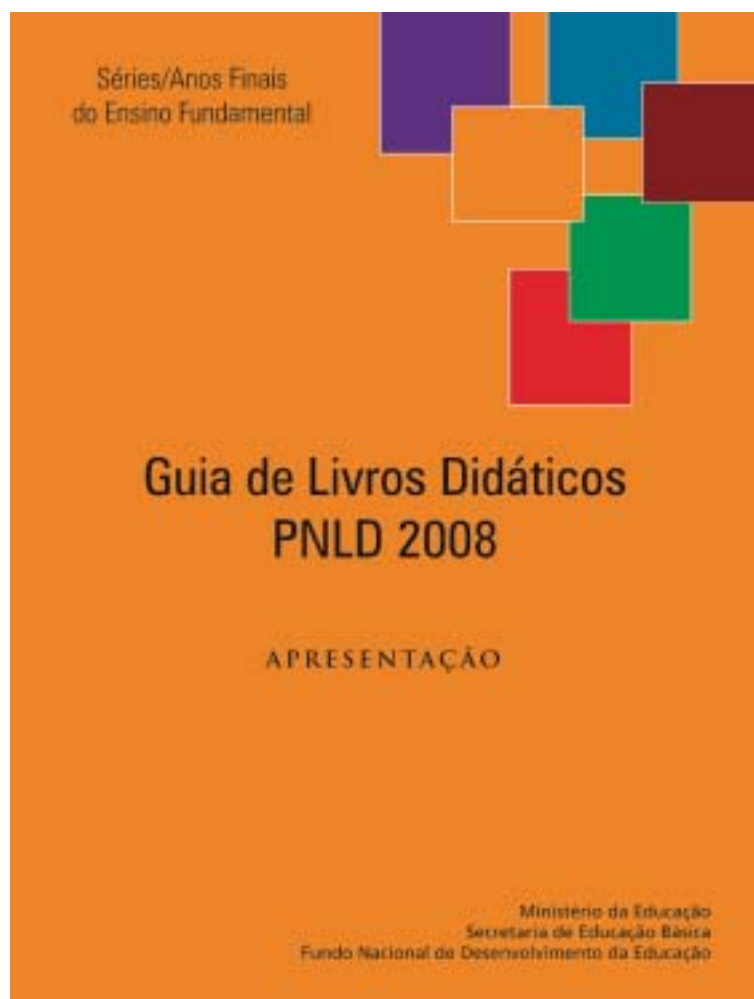
A partir daí, tornamo-nos essencialmente narradores. Do rústico desenho talhado nas pedras à forma mais elaborada de escrever, os diferentes textos foram se delineando em narrativas diversas, acompanhando os movimentos de criação e produção até chegar à era midiática, como a forma inevitável para expressarmos nossos anseios, invenções, descobertas, nossa dor, nossa liberdade. Expressar-se é a redenção.

Conheço muitos narradores. Com eles (e suas diferentes formas de narrar), me emociono, aprendo, descubro, compreendo com facilidade conceitos há muito “aprendidos”: Chico Buarque, Pablo Picasso, meu pai, Walter Salles, Adélia Prado, a Maria (que deixou um bilhete preso no ímã da geladeira, me contando a explosão da máquina de lavar), Sebastião Salgado, Eduardo Coutinho, Machado de Assis, Leonardo Da Vinci, a Dani (minha ex-aluna que criou um *blog*), Richard Dawkins e outros tantos; infinitamente... Variados tipos de textos, de narrativas, de linguagens que transitam pelo mundo vão constituindo, em mim, conhecimentos e valores. Algumas delas foram temas das matérias de capa deste ano da revista NÓS DA ESCOLA.

Minha experiência de vida se funde à profissional. Sou professora de língua portuguesa e não posso ignorar o impacto causado por um vídeo, um torpedo no celular, uma “viagem” virtual ao Louvre em sala de aula. Defendo, com unhas e dentes, o exercício da boa leitura na escola e o conhecimento da nossa língua portuguesa traduzido em textos produzidos pelos alunos; isto é básico para que transitem criticamente por diferentes mídias. Trazê-las para a escola; desvendar e experimentar com os alunos as diferentes formas de narrar; incentivá-las e valorizá-las como formas possíveis de expressão e de produção escolar é fundamental; é atual.

Afinal, imagine o que estaríamos perdendo se a Clarice (Lispector) fosse obrigada a escrever, desenhando.

*Professora e assessora da Diretoria de Mídia e Educação da MULTIRIO.



para o enfrentamento de desafios, dentro e fora da escola, e neste caso os livros didáticos deveriam servir para informar, para ajudar a conhecer e sobretudo para alimentar o desejo de descobrir, de inventar e de conhecer, sem precisar falar mais alto do que os outros nem pôr ponto final nas narrativas sobre o conhecimento e suas histórias.

PNLD – Pelo fato de o livro didático ter se tornado historicamente material fundamental no processo de constituição de conhecimentos, conceitos e valores de alunos de todo o país, o Ministério de Educação criou em 1985 o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)¹, que distribui livros para todas as escolas públicas do país. Em 1996, ampliou esta ação, ao implementar o processo de avaliação das publicações destinadas a alunos da educação básica. Hoje o

programa está consolidado e os professores contam com o *Guia de livros didáticos*, com o qual podem escolher dentre os títulos aprovados, inclusive em braille, aquele mais adequado à sua prática e conseqüentemente ao projeto político-pedagógico de sua escola. A escolha é feita de três em três anos, alternando livros de 1^a a 4^a e 5^a a 8^a séries. Diretores, coordenadores pedagógicos e professores analisam juntos, nos centros de estudos, os títulos do *Guia* e fazem, via internet ou ficha enviada pelo correio, a sua escolha. A entrega dos livros também é feita pelo correio e normalmente em tempo hábil para ser distribuída aos alunos² no início do ano letivo, entre os meses de outubro e janeiro. No final do ano os livros são recolhidos e reutilizados no ano seguinte. O Ministério faz campanhas nos meios de comunicação, dirigidas aos alunos e suas famílias, incentivando a conservação do material.

Vânia Maria da Fonseca, coordenadora do PNLD na SME, conhece bem esse processo e explica que desde 1970, quando os professores retiravam os livros em um local determinado, ele evoluiu bastante. Hoje só há problema em caso de perda ou dano dos livros. “Há uma reserva técnica baseada nos títulos mais usados para suprir eventuais faltas, como livros amassados, rasgados, perdidos, ou criação de novas turmas, por exemplo. Tecnicamente deveria dar para todo mundo, mas muitas vezes isso não acontece. Há, inclusive, um sistema, chamado Siscort, com o qual é possível controlar os livros recebidos de escola a escola. Mas ele deve ser alimentado com dados de quantidade e títulos pelas escolas. Assim, seria possível cada diretor saber em que escola há um livro sobrando de um título perdido ou danificado para pedir emprestado ou trocar. Às vezes é a escola ao lado que tem o material. A autonomia entre as escolas é possível e desejável, mas ainda é forte a cultura de guardar o livro”, observa a professora. ■

¹ A primeira instituição criada para gerenciar a produção de material didático no Brasil data de 1929. Trata-se do Instituto Nacional do Livro, que teve a função de legitimar e incrementar a produção do livro didático nacional.

² A quantidade de livros didáticos a serem adquiridos e distribuídos pelo PNLD é calculada de acordo com dados do Censo Escolar.

Políticas públicas e o livro didático de matemática

JOÃO BOSCO PITOMBEIRA DE CARVALHO*

Vem de longo tempo a preocupação do Estado brasileiro com os livros didáticos. A primeira ação neste sentido foi a criação da Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) pelo Ministério da Educação (MEC) em 1938, estabelecendo condições para a produção, importação e utilização do livro didático. A comissão examinava se esses livros seguiam os programas obrigatórios das componentes curriculares do que equivalia ao nosso atual ensino básico.

Outro passo importante foi a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 1985. Começou aí a distribuição gratuita de livros didáticos para os primeiros quatro anos do ensino fundamental da rede pública. As editoras apresentavam os seus títulos ao governo e esses eram divulgados entre os professores da rede pública de 1ª a 4ª séries, para escolha. Não havia nenhum controle de qualidade do material proposto.

É dessa época o costume, mantido até hoje, de que é o professor quem escolhe o livro que vai usar. A cada avaliação, as escolas recebem um *Guia de livros didáticos*, com a lista dos livros recomendados e com breves descrições de seus conteúdos.

O ano de 1993 marca o início da preocupação com a qualidade. As reclamações eram muitas. As editoras escolhiam os livros que desejavam vender e, então, investiam recursos em uma divulgação agressiva junto a professores, coordenadores e diretores de escolas. Naquele ano, o MEC reuniu uma comissão de especialistas para avaliar a qualidade dos livros mais pedidos pelos professores e estabelecer critérios gerais de avaliação. A comissão estabeleceu critérios por área do conhecimento e avaliou em cada uma delas os 10 livros mais citados pelos professores.

Em 1994 o Ministério publicou o resultado desse trabalho. Os números foram estarrecedores, com forte repercussão na mídia. Em matemática, foram examinadas 10 coleções completas e cinco incompletas. Foi aprovada somente uma coleção completa e um livro isolado. Os resultados foram publicados sob a forma de livro, que logo teve a sua distribuição suspensa.

Em 1995 o MEC convocou especialistas das componentes curriculares do ensino de 1ª a 4ª séries para avaliar os livros apresentados por editoras e autores para o PNLD-1997. Das 116 obras de matemática inscritas, somente 63 foram recomendadas. Os resultados em áreas como ciências, por exemplo, foram

ainda mais desalentadores. Houve, como esperado, uma reação violenta das editoras. A repercussão na imprensa foi forte, sempre em defesa do MEC.

Os critérios estabelecidos em 1993 pela comissão são seguidos, com aperfeiçoamentos, até hoje nas avaliações do MEC. O Ministério decidiu naquela época não tornar pública a relação dos livros excluídos e mantém o compromisso. Mas pelo menos uma associação de pais e mestres entrou com mandado de segurança exigindo acesso à lista das obras excluídas e obteve sucesso. Hoje, a política de sigilo da lista de livros excluídos pelo MEC está sendo discutida no Congresso Nacional.

Em quase todas as áreas, em particular na de matemática, a qualidade dos livros recomendados para escolha do professor tem melhorado continuamente, o que pode ser comprovado pela consulta aos *Guias do livro didático*, nos quais se mostra a evolução das avaliações.

Em 1999, foi iniciada a distribuição gratuita de livros de 5ª a 8ª séries para escolas públicas. Naquele mesmo ano, o MEC criou a Comissão Técnica do Livro Didático para assessorar a formulação de políticas públicas de materiais escolares. Recentemente, a avaliação passou a incluir livros para o ensino médio.

As editoras de livros didáticos são totalmente dependentes das encomendas do governo. Aproximadamente 64% dos livros publicados no Brasil são didáticos, seguidos de 17% de obras gerais e de 14% de livros religiosos.

É preocupante o avanço dos sistemas particulares de ensino, que vendem às prefeituras “pacotes” que incluem a formação de professores para a utilização dos materiais produzidos por esses sistemas. Em geral, pelo menos em matemática, a qualidade do material vendido é baixa.

Fato preocupante também é a concentração do mercado editorial, pela fusão de editoras e pela penetração do capital estrangeiro, que adquire o controle de editoras nacionais. Já há casos, em algumas das áreas, como a da matemática, de livros estrangeiros adaptados para o Brasil e apresentados para avaliação.

*Membro da Comissão Técnica do Livro Didático do MEC. Endereço eletrônico: pitfercar@yahoo.com.br.

Para medir o desenvolvimento

O IDH e o IDSU são os indicadores utilizados pela Prefeitura para nortear políticas públicas para a cidade



TEXTO

FABIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

Medir o grau de desenvolvimento de um país ou de uma cidade não é tarefa simples. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nasceu da necessidade do uso de um indicador capaz de cumprir essa função, levando em conta não apenas índices econômicos. Até a sua criação, eram usados o Produto Interno Bruto (PIB) – que é a soma de todos os bens e serviços do país – e o PIB *per capita*. Críticas do economista indiano e ganhador do Nobel de Economia de 1998, Amartya Sen, apontavam que esses indicadores não permitiam uma análise satisfatória, pois muitas vezes o país tinha uma economia saudável, mas o PIB não era dividido de maneira justa e equânime, e assim o índice não traduzia de forma precisa o nível de vida de uma população. Foi com base nas ponderações de Sen que a Organização das Nações Unidas (ONU) criou o IDH, o indicador mais utilizado em todo o mundo.

A grande vantagem do IDH é que podem ser estabelecidas comparações entre todos os países do planeta, o que também explica a sua popularidade. Uma das desvantagens é a extrema simplificação e o recorte drástico do conceito de desenvolvimento humano como fator de libertação do ser humano proposto por Sen. Trata-se de um índice fácil de ser calculado e de

fácil compreensão. O IDH leva em consideração três fatores: renda, educação e longevidade (expectativa de vida), que são variáveis que se relacionam. “A renda é produto do conhecimento que pode ser adquirido e vai permitir que o indivíduo melhore as suas condições de saúde e de sobrevivência”, explica o diretor de Informações Geográficas do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), Fernando Cavaliere, acrescentando que o índice é calculado pela média aritmética das três dimensões.

Para medir o acesso à educação, utiliza-se a taxa de matrícula nos vários níveis do sistema educacional. Quando o foco está em núcleos sociais menores, como os municípios, é utilizado o indicador de frequência em sala de aula, com base em dados censitários. O outro critério para a avaliação da educação é o percentual de alfabetizados maiores de 15 anos. Isto é medido pela capacidade de um indivíduo ler e escrever um bilhete simples. A taxa de alfabetização é obtida pela divisão do total de alfabetizados maiores de 15 anos pela população total na mesma faixa etária.

Expectativa de vida – Para avaliar a longevidade, utiliza-se a expectativa de vida da população ao nascer. Quanto menor a mortalidade

registrada em um lugar, maior será a esperança de vida. Trata-se de um indicador que permite avaliar as condições sociais, de saúde e de salubridade, pois considera as taxas de mortalidade relativas às diferentes faixas etárias do local analisado, que incluem desde as mortes ocorridas por doenças quanto as causadas por violência e acidentes.

Já a renda é calculada através do PIB e do PIB *per capita*. Esse é o critério usado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) para o cálculo do IDH-R (*R de renda*) dos países. Para calcular a renda de um município, o PIB não é tão adequado, porque nem toda a renda produzida dentro de uma cidade é apropriada por sua população. A opção utilizada neste caso é o cálculo da renda municipal *per capita*.

Uma das vantagens do IDH é que ele pode ser usado para comparações, tem uma metodologia única de cálculo, e é fácil de calcular. Ele varia de 0 a 1. Países com IDH até 0,499 são considerados de desenvolvimento humano baixo. Já aqueles com índice maior que 0,799 são considerados de desenvolvimento humano alto. O índice também é utilizado em municípios, sob a denominação de IDH-Municipal ou IDH-M. No Rio de Janeiro, há locais com índices altos e baixos. Por exemplo, Copacabana tem índice de 0,956, que se assemelha aos países mais bem posicionados no *ranking* mundial. O mesmo se pode dizer da Lagoa, com IDH de 0,951. Já o Complexo do Alemão tem IDH de 0,709 e a Maré, de 0,719, considerados índices de desenvolvimento médios.

O IDH do município do Rio foi calculado a partir de dados do Censo de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A importância desse trabalho, feito em 2003 pelo IPP, é que ele serve como referência para estabelecer prioridades de atuação para a Prefeitura nas diferentes regiões da cidade. Ele fornece informações sobre 126 bairros ou conjuntos de bairros de 32 regiões administrativas. “Com isso, é possível fazer comparações bastante detalhadas e estabelecer prioridades de atuação, orientar políticas públicas, projetos e programas a serem desenvolvidos pela Prefeitura e justificar solicitações de recursos para órgãos estaduais, federais e internacionais”, explica Cavaliere.

Prata da casa – Além do IDH, o IPP também utiliza o Índice de Desenvolvimento Social Urbano (IDSU), criado pelo próprio instituto. A metodologia de ambos é semelhante. A diferença é que se baseiam em pesquisas diferentes do IBGE. Um (o IDH) toma por base um questionário com poucas perguntas, respondido por todos os cidadãos. O outro, um questionário bem mais amplo, com número maior de perguntas, respondidas, no caso do Rio, por uma amostra de cerca de 10% da população, o que permite ao IBGE obter informações bem mais detalhadas.

Como o IDH trabalha com o questionário da amostra, não há informações para todas as unidades geográficas, pois é preciso ter uma quantidade mínima de pessoas morando num local para que ele seja representativo para este questionário. Já o fato de o IDSU trabalhar com o questionário mais amplo permite que possam ser calculados valores para mais de 8 mil setores censitários, que correspondem a pequenos espaços no interior dos bairros. Só a título de comparação, com o IDH se obtêm informações para no máximo 126 bairros ou conjunto de bairros.

O IDSU agrega também algumas outras variáveis que não estão no IDH, como, por exemplo, as relativas ao domicílio, como esgotamento sanitário, abastecimento de água e coleta de lixo. São 10 variáveis no total, que incluem ainda questões habitacionais, educacionais e de renda que o IDH não considera. “Com isso, somos capazes de fazer um mapeamento desses setores censitários, que são a menor unidade de coleta de dados que o IBGE adota para os municípios”, explica Cavaliere.

Ele, entretanto, ressalta que os índices são complementares. “Nenhum outro índice vai substituir o IDH, porque ele é utilizado no mundo inteiro pela ONU, tem uma metodologia consagrada, de fácil cálculo, e permite comparações. Existem inúmeros outros índices. Cada um reflete uma necessidade de análise diferente dos pesquisadores. Como é importante para a Prefeitura conhecer pequenos espaços no interior dos bairros – porque os bairros também não são homogêneos –, ela criou o IDSU. É possível ver a diferença, por exemplo, entre as pessoas que moram nas partes mais altas de uma favela e as que moram próximas do asfalto”, conclui. ■



Os dois lados de uma paixão

Ter ídolos é parte do processo de crescimento, mas manifestações de fanatismo exigem todo cuidado

Pôsteres pelas paredes do quarto, álbuns com fotos e reportagens recortadas de jornais e revistas, gritinhos histéricos diante de um palco, olhos grudados na tela da TV... Identificar um fã não é tarefa difícil. Complicado mesmo é saber como lidar com os adolescentes quando eles parecem capazes de qualquer coisa por seus ídolos – desde as atitudes mais comuns, como imitar roupas, acessórios e modos de comportamento, até extravagâncias como noites em claro nas filas de compra de ingressos para um show imperdível ou verdadeiras loucuras, como empurra-empurras que muitas vezes acabam em tragédia. A admiração por personalidades da música, das artes ou do esporte pode ser fonte de inspiração para a busca de sonhos e objetivos de vida, mas o fanatismo merece atenção e cuidado especiais. Reconhecer os excessos, portanto, é essencial para que pais e professores auxiliem seus filhos e alunos quando necessário. E, sobretudo, para que entendam o que é saudável característica da adolescência, evitando conflitos e preocupações infundadas.

Ter ídolos é absolutamente normal. E é na adolescência – período em que buscamos referências fora do âmbito familiar e formamos nossa própria identidade – que as paixões por eles são mais intensas. Em uma sociedade que valoriza exacerbadamente as celebridades da música, do esporte e da TV, elas acabam transformadas em modelos de sucesso e felicidade, personificando ideais relacionados à busca profissional e até à vida pessoal. Os excessos, alimentados pela propaganda e pela mídia, não são raros. Mas, para além do vazio de um fanatismo que na maioria das vezes se prende mais à imagem do que ao conteúdo, os ídolos podem representar ainda a identificação com valores, características, comportamentos e trajetórias que se crêem positivos e, portanto, merecedores de admiração. Neste sentido, funcionam como inspiração e podem fortalecer a busca por sonhos e objetivos pessoais.

Segundo o psicoterapeuta Miguel Perosa, professor da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a admiração pelos ídolos é quase parte integrante da adolescência e traz muito mais benefícios do que prejuízos. “O ídolo é a representação da projeção que o adolescente faz do seu futuro, de características que ele gostaria de ter ou desenvolver. O adolescente vê no ídolo a concretização de sonhos pessoais”, argumenta. Sendo assim, a admiração por um ídolo pode impulsionar o crescimento pessoal e aguçar a curiosidade, base do aprendizado.

Trata-se de um potencial que não pode ser desprezado por pais e professores. É o que defende a psicanalista, professora e supervisora clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Sílvia Abu-Jamra Zornig. “Muitas crianças e adolescentes aprendem músicas estrangeiras e diálogos de filmes por amor a seus ídolos. Essa busca pode ser incentivada por educadores através da exposição a culturas distintas, acesso a filmes, livros e canções”, enumera. De fato, são inúmeros os fãs do personagem Harry Potter, por exemplo, que se esmeram para ler suas aventuras em inglês, antecipando-se ao lançamento dos livros no Brasil, ou os admiradores de rock que aprendem inglês decifrando as letras de seus astros favoritos.

Admiração x fanatismo – Criar ídolos, de certa forma, é seguir o caminho da busca da própria identidade. Reside aí o aspecto mais positivo da admiração por alguém que se tem como modelo. Sílvia explica que na adolescência fazemos um luto dos modelos adotados na infância e buscamos novas formas identificadoras, na tentativa de diminuir a angústia e o desamparo diante da tarefa de crescer. Para Miguel, o adolescente aproveita o que o ídolo tem de melhor quando é capaz de conhecer e avaliar as características que admira ou com as quais se identifica. “É aí ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

ILUSTRAÇÃO

GUSTAVO CADAR

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

que ele toma conhecimento de seu projeto pessoal de futuro”, explica.

O problema começa justamente quando essa avaliação crítica falha. Do território da idealização, passa-se ao do fanatismo. Um dos sintomas é a incapacidade de se distinguir do objeto de admiração, que pode se manifestar em tentativas sucessivas e recorrentes de ser idêntico ao ídolo. Copiar um acessório usado pelo ídolo ou o seu corte de cabelo são atitudes consideradas muito normais. Já o distanciamento do que diz respeito às dimensões e experiências sociais do dia-a-dia e a fuga para um mundo de fantasia indicam que é necessário buscar ajuda. “O problema com os ídolos é quando eles se transformam em modelos compensatórios ao viver, utilizados como solução fantasística e sintomática aos impasses da existência. Assim, acabam isolando o adolescente de experiências como amizade e relacionamentos amorosos”, esclarece Silvia.

É neste momento que se manifesta a necessidade de um trabalho específico, que ajude os adolescentes a lidar com a questão da identidade. Muitas vezes é preciso recorrer a uma orientação profissional, mas também há o que pais e professores podem fazer. Miguel sugere a recuperação da história pessoal dos alunos da classe, com levantamento das árvores genealógicas das famílias e a participação dos pais. “Ou qualquer outra estratégia que garanta que as individualidades de cada aluno e de cada membro da família apareçam e sejam valorizadas”, explica. Ele cita o trabalho realizado por uma professora de São Paulo, com base na identificação dos ídolos dos alunos. A primeira etapa é a distinção entre ídolo e musa. “Musa a gente quer ter, ídolo a gente quer ser”, explica Miguel. Listados os nomes, os alunos fazem uma exaustiva pesquisa sobre os ídolos, um levantamento de suas características mais relevantes, a relação entre essas características e as que gostariam de ter e, finalmente, a avaliação do que atrapalha a conquista dessas características. “Com isso, ela humaniza o ídolo e, ao mesmo tempo, dá aos alunos clareza das características que gostariam de desenvolver, além de sugerir a reflexão sobre estratégias para conquistá-las”, complementa.

Propor um olhar crítico sobre as paixões dos adolescentes por seus ídolos foi a intenção

da jornalista Thalita Rebouças ao escrever *Tudo por um popstar*, da editora Rocco. A história do amor desenfreado de três amigas pelos astros de uma banda de rock foi o ponto de partida para mostrar, de um lado, situações inusitadas que todos já vivenciaram no papel de fãs e, de outro, o quanto há de exagero na idolatria. “Sempre fiquei muito impressionada com o número de adolescentes que passam a noite no sereno guardando lugar na fila para o show de um grupo famoso de rock. Quis desmistificar um pouco a coisa da idolatria. A banda do livro é fabricada para fazer sucesso e provocar esse tipo de reação”, comenta Thalita.

Autora de livros para o público adolescente, a jornalista tem contato com seus leitores em palestras e tardes de autógrafos e se admira com a comoção que já causa entre eles. É comum receber presentes, pedidos de conselhos e até manifestações como lágrimas de emoção. “É uma coisa muito doida e delicada. Ao mesmo tempo que me espanta, fico feliz em saber que isso é provocado pelos livros”, avalia Thalita, que já teve seus momentos de “fã número 1”. O ídolo da pré-adolescência era Paulo Ricardo, com quem ela conseguiu contato por telefone, mas só pôde balbuciar “eu te amo” e desligou em seguida. Mais recentemente, pediu um abraço a Paulinho da Viola no final do desfile da Portela, depois de atravessar toda a Marquês de Sapucaí ao seu lado.

Thalita acha que os ídolos podem ser boas fontes de inspiração, como os dois Paulos foram para ela, em momentos distintos da vida. Miguel Perosa também defende o lado positivo da admiração e define ídolo como “o melhor de mim que ainda não sou”. Para Silvia Zornig, experimentar formas de se pensar e brincar com a possibilidade de ser diferente ou igual a seus ídolos e pares é parte natural do processo de reconhecimento por que passam os adolescentes, que se apropriam de um novo corpo, de um novo estatuto e de uma nova possibilidade identificadora. Nada de mal há, portanto, na paixão dos adolescentes por seus astros favoritos. Pais e professores só devem estar atentos aos eventuais exageros que possam acontecer neste processo. O caminho não é a crítica, mas o fortalecimento da identidade de cada um. E, sobretudo, o ensinamento do valor insuperável de ser autêntico. ■

HISTÓRIA DA CIDADE

A comunidade chega à escola



Desenhos e mapas das comunidades localizadas nas proximidades da escola, na Ilha do Governador, foram produzidos pelos alunos e exibidos no mural

Boa parte dos morros cariocas é ocupada por favelas. Em todas as regiões da cidade, elas são moradia para milhões de pessoas. A Escola Municipal Capitão de Fragata Didier Barbosa Vianna, em Tauá, na Ilha do Governador, 4ª CRE, atende a alunos de duas destas comunidades: Querosene e Dendê. Mas muitos deles não sabiam explicar a diferença entre morro e favela. Foi esta percepção que levou a professora de história Nádia Rappel a elaborar o projeto “Morro da favela”, aproximando as aulas da realidade dos alunos e orientando-os a descobrir muitas curiosidades sobre a vizinhança da escola e de suas próprias casas. “No planejamento, era hora de falar das civilizações e das cidades. Pensei que seria muito mais interessante se no conteúdo constasse algo que faz parte do dia-a-dia

dos alunos, e assim começamos a pesquisar a história das favelas”, explica a professora.

Numa primeira conversa, as impressões de Nádia se confirmaram. A grande maioria dos alunos dos três anos do terceiro ciclo não sabia diferenciar os morros, características geográficas da cidade, das favelas, comunidades formadas em função de aspectos sociais e econômicos. Sanadas as principais dúvidas, os alunos partiram para uma pesquisa sobre o surgimento das favelas no Rio de Janeiro, situado entre o final do século XIX e o início do século XX. Com orientação da professora, pesquisaram em *sites* da internet, na Biblioteca Popular da Ilha do Governador, na revista NÓS DA ESCOLA, em jornais e livros didáticos, criando um panorama dos primeiros traços ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

das favelas na cidade. “A princípio, houve uma certa dificuldade, porque eles não têm muita prática em pesquisa. Mas, aos poucos, à medida que iam descobrindo coisas novas, foram se animando”, conta Nádia.

Em pouco tempo, muitos detalhes sobre a origem das favelas já estavam na ponta da língua, como mostra Tiago Conceição dos Santos, de 13 anos. “A favela se originou de pessoas que vieram do Nordeste, onde estava acontecendo a Guerra de Canudos. A vida no morro era difícil, porque não havia infra-estrutura”, explica. Do histórico das primeiras favelas, as turmas partiram para um retrato das duas comunidades localizadas nas proximidades da escola. Desta vez, a pesquisa foi enriquecida com entrevistas com os habitantes do local, observação e muito espírito crítico. “Entrevistamos antigos moradores das comunidades e aprendemos muita

coisa”, comenta Patrícia Alves da Silva, de 13 anos. “Realizamos diversos debates em sala de aula, sempre com foco na parte histórica e social, no comércio, nas ruas, as principais mudanças ao longo dos anos. Não queria falar sobre violência, porque é uma realidade que já está a toda hora nos jornais”, completa a professora Nádia.

Os trabalhos de pesquisa e produção de textos e desenhos foram realizados em grupos. Desta forma, alunos que moram em locais diferentes das duas comunidades abordadas tiveram a chance de ouvir dos colegas um pouco mais sobre a realidade desses locais e também se sentiram envolvidos no trabalho. “Moro na Paqueta, não conheço o Dendê e o Querosene, mas estudei muito e fizemos uma grande pesquisa com os colegas”, destaca Verônica Rodrigues da Paixão, de 12 anos.

Favela e literatura

Trabalhar com literatura na sala de aula aproxima os alunos de diferentes aspectos sociais, em diferentes tempos e espaços, além de explorar relações entre linguagem, memória e história. A literatura é um excelente meio de pensar essas relações, pois ações como ler, narrar, recordar, (re)conhecer... estabelecem, a partir da leitura, as marcas de diferentes vozes, numa relação dialógica, polifônica e intertextual.

O tema favela, por exemplo, foi abordado por grandes nomes da literatura brasileira. Autores como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Antônio Fraga e Carolina Maria de Jesus, entre outros, registraram a vida na favela com abordagens bem diferentes das que estamos acostumados a encontrar nas páginas dos jornais. Um exemplo é o poema *Favelário nacional*, de Drummond, do qual reproduzo, a seguir, fragmentos do primeiro trecho “Prosopopéia”.

(CRISTINA CAMPOS)

“Favelário nacional

Carlos Drummond de Andrade

1. Prosopopéia

(à memória de Alceu de Amoroso Lima, que me convidou a olhar para as favelas do Rio de Janeiro)

Quem sou eu para te cantar, favela,
que cantas em mim e para ninguém a noite inteira de sexta
e a noite inteira de sábado

e nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?
Sei apenas do teu mau cheiro: baixou a mim, na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte... melhor, tua vida.
Decoro teus nomes. Eles
jorraram na enxurrada entre detritos
da grande chuva de janeiro de 1966
em noites e dias e pesadelos consecutivos.
(...)

Tua dignidade é teu isolamento por cima da gente.
Não sei subir teus caminhos de rato, de cobra e baseado,
tuas perambeiras, templos de Mamalapunam
em suspensão carioca.

Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
medo só de te sentir, encravada
favela, erisipela, mal-do-monte
na coxa flava do Rio de Janeiro.

Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.

Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
(...)

Mas favela, *ciao*,
que este nosso papo
está ficando tão desagradável.
Vês que perdi o tom e a empáfia do começo?”

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. São Paulo, Record, 1984. p. 109-12.



Professora de história, Nádia Rappel incentivou os alunos a buscarem informações em livros, na internet e em entrevistas com antigos moradores

Produção coletiva – Com as informações em mãos, as turmas começaram a produzir cartazes que, depois do final do projeto, ficaram expostos no mural da escola. Cada grupo desenhou uma espécie de “planta” de uma das comunidades, destacando as observações dos alunos e as curiosidades descobertas durante o processo de pesquisa. Foi nesse momento que a participação ganhou novo fôlego, com todos querendo transformar em imagens o que tinham aprendido. “Os alunos ficaram inicialmente muito surpresos com a origem das favelas. Depois, se empolgaram ao mostrar as diferenças de uma comunidade para outra”, ressalta Nádia.

O projeto foi desenvolvido entre os meses de maio e agosto. Ao longo desse período, a professora foi ampliando o espectro de assuntos e habilidades abordados. Com a animação do grupo em função da exposição dos trabalhos na escola, ela retrabalhou as produções dos alunos, fazendo-os ver a importância de preparar as imagens para o meio de comunicação que seria utilizado para exibi-las – no caso, o mural. “Eles então ampliaram alguns desenhos, trabalhamos títulos e alguns textos para contextualizar as imagens, com informações colhidas durante a pesquisa”, enumera. O trabalho em grupo foi outra boa estratégia, já que possibilitou a troca de informações entre os alunos e a valorização dos saberes que cada um deles trazia sobre as comunidades estudadas.

Ao final do projeto, ficou, além da satisfação de ter os trabalhos servindo de fonte de

informação para toda a escola, a certeza de que aprender história pode ser muito divertido. “Foi interessante descobrir que podemos sair do conteúdo do livro e da sala de aula. Além de falar do nosso dia-a-dia, ainda estávamos aprendendo história”, resume Tiago Conceição dos Santos. ■

Deu certo

- A ideia de dividir a turma em grupos, misturando alunos das comunidades do Dendê e do Querosene com outros que não as conheciam.
- A proposta de exibir os trabalhos no mural da escola, valorizando a produção dos alunos.
- A variedade de fontes de pesquisa: livros, sites da internet, jornais, revistas e os próprios livros didáticos.

Poderia ser modificado

- Falta de entrosamento com outros professores, que poderiam abordar o tema a partir da perspectiva de outras disciplinas, ampliando o trabalho.

Estrofes por todos os cantos



Alunos da Escola Municipal Marília de Dirceu exibem orgulhosos, ao lado da professora da sala de leitura, Roseli Maritan, seu livro de poemas

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

A poesia saiu dos livros e foi povoar as mentes dos alunos da Escola Marília de Dirceu, em Ipanema, 2ª CRE. Textos rimados deixaram de fazer parte apenas das atividades de sala de aula e se tornaram um meio de expressão valioso no dia-a-dia da garotada. Coincidências à parte, o nome da unidade escolar já é inspirador, por homenagear uma das obras líricas mais ricas da literatura brasileira, composta pelo poeta Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810).

Tudo começou nas aulas de língua portuguesa, com a professora Elisabete Buss, que resolver trabalhar tipologias textuais. A partir dali se consolidou o projeto “Liberte o poeta que existe em você”, desenvolvido em parceria com a professora Roseli Maritan, responsável pela sala de leitura. O resultado foi a publicação de um livro com os poemas dos estudantes, lançado durante a XIII Bienal do Livro, em setembro, no Riocentro. Nova edição do livro incluirá caligramas¹ e poemas inéditos.

O trabalho se desenvolveu com foco no conceito da identidade. Alunos do último ano do

2º ciclo foram incentivados a escrever poemas para extravasar sentimentos e sonhos. Através das palavras, eles puderam conhecer a própria história e a de escritores que se dedicam a construir narrativas povoadas de fantasia. Coube à professora da sala de leitura apresentar às crianças grandes nomes da poesia brasileira, como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. “O objetivo era estimular a leitura e a escrita, mas o resultado me surpreendeu. Os alunos ‘invadiram’ a sala de leitura, viraram monitores e não pararam mais de produzir poesia”, comemora Roseli.

A produção foi tamanha que os textos passaram a ser expostos nos murais dos corredores e salas da escola. Quem visita a unidade, vê versos espalhados em todos os cantos por onde passa. Houve alunos que produziram poesia até durante as férias escolares. Segundo Roseli, a identificação com a atividade rendeu cadernos repletos de poemas. É o caso de Luan Barbosa Rodrigues, de 11 anos, que não se cansa de criá-los. Além do conteúdo das disciplinas, as folhas do caderno dele agora guardam estrofes e mais estrofes construídas nos momentos de maior inspiração.

¹Caligramas são textos que existem desde os tempos da Grécia antiga, em que as letras e frases vão desenhando o objeto a que se referem.

Mas se para Luan o livro de poesia foi uma nova janela que se abriu, para a colega Flora Palma Baumann, de 12 anos, foi mais um espaço para mostrar o que já fazia. “Sempre gostei de escrever poemas. Acho que já escrevi uns 60. Quando a gente faz poesia é como se fosse um desabafo, estamos liberando algo que está dentro da gente”, revela a estudante. No livro produzido pelas crianças, enquanto Luan opta por falar da solidão, Flora discorre sobre a xícara de chá. E outros temas também ganham espaço, como o poema que Willian da Silva, de 11 anos, intitulou “Brincando”, e outro que Daiane Porto, da mesma idade, escreveu sobre o mar.

No entendimento das duas professoras, a escola não deve apenas preparar para a vida, mas ser a própria vida. “Não deve ser um lugar de exercícios mecânicos, repetitivos e estéreis. A escola deve proporcionar vivências em que os alunos se sintam produtores de conhecimento”, completa Roseli. Além dos poemas, os alunos também produziram desenhos para ilustrá-los.

Relatos coletivos – Outro desdobramento das atividades foram as visitas que escritores de literatura infanto-juvenil fizeram à escola. Durante as visitas, os estudantes entrevistaram autores como Luciana Sandroni, Sônia Rosa, Júlio Emílio Braz e Daniel Munduruku e produziram textos coletivos relatando a experiência. Esta foi uma das etapas mais interessantes na opinião da estudante Daiane. Para ela, foi muito bom aprender palavras de origem indígena e conhecer um pouco da história dos índios mundurukus, grupo que dominou culturalmente a região do Vale dos Tapajós, nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso.

O espaço dedicado à leitura ganhou tanta projeção dentro da unidade que a professora de música Janete Perozo compôs uma canção que fala da importância dos livros. A canção foi entoada com muita alegria pela garotada, que já se sente parte do universo literário. Algumas das poesias, especialmente as que falam do mar, também foram musicadas e apresentadas entre canções famosas que também tratam do tema, como *Canção da partida*, de Dorival Caymmi. ■

Deu certo

- O projeto foi além do proposto, com produções espontâneas de textos pelos alunos.
- Os poemas foram reunidos em livro, com tarde de autógrafos na Bienal do Livro.
- Os estudantes ganharam diplomas pela publicação do livro...
- ...e passaram a visitar com mais frequência a sala de leitura.

Poderia ser modificado

- Não houve tempo para finalizar as ilustrações dos poemas porque alguns alunos faltaram a muitas aulas.
- No próximo ano, o projeto irá ampliar as atividades da sala de leitura com oficinas de origami e animações para participar do Anima Mundi.



A capa do livro ganhou ilustração de um dos alunos

Uma cidade de muitos rios

Mas nem por isso a população do Rio ficou imune às inúmeras crises de abastecimento de água

TEXTO Grandes cidades no mundo são identificadas pelos rios que passam por seu território. Quando pensamos em São Paulo, vem à mente o Rio Tietê. Quando falamos de Paris, o Sena. Londres está associada ao Rio Tâmisa, assim como Viena é sempre identificada pelo Rio Danúbio. Com o Rio de Janeiro, é diferente. Com mais de 200 quilômetros de costa, o Rio tem dezenas de rios, mas não existe um com o qual a cidade possa se identificar.

FABIO ARANHA
FOTOS
AUTOR DESCONHECIDO/
ARQUIVO GERAL DA CIDADE

Ao longo do tempo, alguns rios mereceram destaque por abastecer de água a população da cidade. No início da ocupação portuguesa destacou-se o Carioca. O rio era propriedade de tribos indígenas e foi cedido aos portugueses no século XVI, para uma população que sofria com a falta de água. Em 1723, foi construído o Aqueduto Carioca, que captava água no Alto de Santa Tereza e a transportava para a área hoje ocupada pelos Arcos da Lapa. No local havia um chafariz, onde escravos recolhiam água em barris e os transportavam para as famílias a quem serviam. Mas devido a falhas na construção, de vez em quando faltava água na cidade. Sem contar as constantes brigas nas filas para pegar água e as inundações nas casas quando as torneiras eram deixadas abertas pelos escravos.

Até 1876, o abastecimento foi feito por chafarizes, poços e cisternas. Nesse ano, o governo imperial iniciou a construção de uma rede domiciliar de abastecimento de água, o que decretou o fim das bicas e o transporte do líquido em barris pelos escravos. No final do século XVIII, como a exploração das nascentes do Corcovado se tornou insuficiente para atender a uma população em crescimento, foi necessário investir em outros mananciais em bairros como Rio Comprido, Andaraí, Tijuca, Gávea e Botafogo. Em 1877, o Plano Geral de Abastecimento D'Água inibiu o desmatamento no Maciço da Tijuca, uma das razões da falta de água na cidade. Com o Plano, a área do Maciço foi reflorestada e as áreas de nascentes,

desapropriadas. Essas formariam mais tarde a base da Floresta da Tijuca.

Problemas crônicos – Os principais mananciais explorados até o século XIX formavam os sistemas de Santa Tereza (que incluía os rios Carioca, Lagoinha e Paineiras); da Tijuca (com os rios Maracanã, São João, Trapicheiro e Andaraí); da Gávea, incluindo, entre outros, o rio Macacos; de Jacarepaguá (com os rios Grande e Covanca, além de outros); de Campo Grande, com rios como o Mendanha; e o de Guaratiba, que incluía os rios Taxas e Andorinhas. “O Rio de Janeiro tinha uma dificuldade crônica de abastecimento e a cidade foi crescendo para onde havia água”, afirma Edson Mendonça, gerente de Planejamento e Projeto de Esgotamento Sanitário da Subsecretaria de Águas Municipais (Rio-Águas).

No início do século XX, a demanda de água continuou a crescer e o uso dos mananciais chegou ao seu limite. Para remediar a situação, foi criado o Sistema Acari ou de Linhas Pretas. A água utilizada vinha da Serra de Duque de Caxias e de Nova Iguaçu, de rios como o São Pedro e Mantiqueira. No início da década de 1950, o crescimento contínuo da demanda de água da cidade fez com que fosse iniciada a captação no rio Guandu, que já contava com água vinda dos rios Paraíba do Sul, Ribeirão das Lages, Poços e Santana. “Nos anos 1940 fizeram a transposição do Paraíba do Sul para gerar energia elétrica. Isso colocou água no Guandu, que passou a ser um rio importantíssimo. Trouxe água nova, constante, para gerar energia e para o rio ser usado no abastecimento da cidade”, explica Mendonça. O Guandu permanece até hoje como a principal fonte de abastecimento (80%) de água para a população da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, responde por 70% da água fornecida à Baixada Fluminense.

A Estação de Tratamento de Água do Guandu foi incluída no *Guinness Book*, o livro



O Rio Guandu, aqui em registro sem data, é a principal fonte de água da cidade do Rio de Janeiro, respondendo por 80% do abastecimento

dos recordes, como a maior do mundo em produção contínua. Ela foi inaugurada em 1955 e passou por sucessivas ampliações e melhorias técnicas que lhe permitem hoje uma vazão de 43 mil litros por segundo. Isso é suficiente para abastecer uma população de 9 milhões de habitantes na região metropolitana do Rio de Janeiro.

O Rio hoje é dividido em quatro bacias hidrográficas. A de Sepetiba engloba todos os rios que drenam para a Baía de Sepetiba e inclui os bairros de Santa Cruz, Sepetiba e Guaratiba, entre outros. O rio Guandu faz parte dessa bacia. A Bacia de Jacarepaguá engloba bairros como Vargem Grande, Recreio dos Bandeirantes, Jacarepaguá, Praça Seca, Pechincha e Freguesia. Lá são encontrados rios como o Arroio Fundo, Anil e das Pedras, além do Canal de Jacarepaguá.

Já a Bacia das Praias Oceânicas inclui rios como o Carioca, Berquó e o Macacos, que deságua na Lagoa Rodrigo de Freitas e, pelo Canal do Jardim de Alah, chega às praias de Ipanema e Leblon. Abrange também bairros como Catete, Flamengo, Botafogo, Laranjeiras, Jardim Botânico, Gávea, Cosme Velho e São Conrado. Por último, há a Bacia de Guanabara, que inclui o Canal do Mangue e rios como o Irajá, Pavuna e Acari e engloba praticamente toda a Zona Norte e bairros da Zona Oeste, como Bangu e Campo Grande.

Investir para preservar – A Prefeitura do Rio de Janeiro está investindo anualmente cerca de R\$ 4,5 milhões para a conservação de rios e canais da cidade. A Rio-Águas promove um programa de valorização dos rios, em conjunto com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente ►

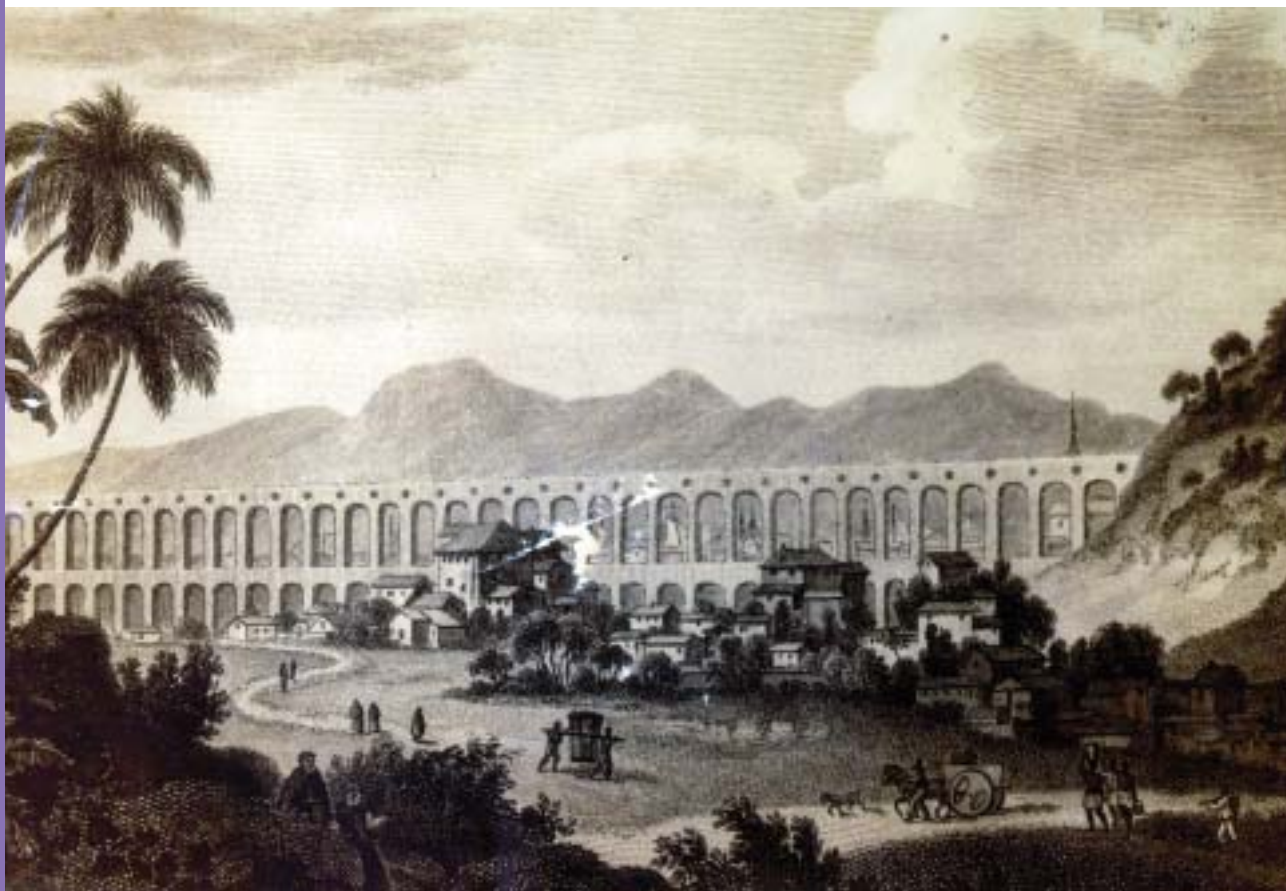
(SMA). O objetivo é garantir a desobstrução dos rios e de sua capacidade de escoamento, com vistas a um controle de enchentes. Outro programa de destaque é o “Guardiões do Rio”, que usa mão-de-obra local para manter os rios limpos. “Empregamos pessoas das próprias comunidades ribeirinhas, para conservar rios e lagoas. Os ‘guardiões’ instalam barreiras que impedem o lixo de atingir os rios. Além da questão da preservação, o programa é importante porque gera renda para essas comunidades”, comenta o assessor especial da Rio-Águas, Durval Mello.

Um terceiro programa visa inserir os rios na paisagem urbana através de um controle de poluição, do tratamento das margens, com a recuperação da mata ciliar ou de tratamento urbanístico das margens, no caso de rios já canalizados. Também exerce o controle de ocupação das margens, preservação da faixa marginal de proteção, reflorestamento das

cabeceiras dos rios, entre outras medidas. De acordo com Mello, preservar rios e mananciais é de extrema importância. “Significa a garantia de espaços abertos, água limpa e a circulação do ar da cidade. É importante também para o equilíbrio do meio ambiente, do clima, da fauna e da flora. Preservar um rio significa garantir a vida que há nele. Além disso, há toda uma economia que revolve em torno da vida dos rios”, complementa.

O programa de valorização dos corpos d’água da cidade inclui medidas como afixar placas identificando os nomes dos rios, pois muitos não são conhecidos da população. As placas também dão informações como a sua extensão e onde deságuam. “Queremos que a população passe a ver os rios como bens e não como problemas. Dessa forma, as pessoas passam a preservá-los ao invés de destruí-los ou de não ter cuidado com eles”, destaca Mello. ■

O Aqueduto Carioca, hoje conhecido como Arcos da Lapa, foi construído em 1723 e trazia água do Alto de Santa Tereza para o Centro da cidade





Uma ajudante para Papai Noel

A secretária e as cartinhas com pedidos de presentes enviados ao Bom Velhinho na época do Natal

As cartas são endereçadas ao Pólo Norte, à Rua das Flores ou à Avenida dos Amores. E os carteiros não erram: se o destinatário for Papai Noel, é certo que elas irão chegar às suas mãos. Isso porque existe gente como Gilza Franco, secretária da Gerência de Integração Social e Benefícios dos Correios. Ela é uma das funcionárias encarregadas de separar as cartas de crianças com pedidos de presentes para o Bom Velhinho e também de buscar padrinhos para os pedidos. Esse trabalho faz parte do Projeto Papai Noel dos Correios, oficializado desde 1996 e realizado em todo o Brasil.

No ano passado não faltou trabalho para Gilza. Foram 13 mil cartas no Rio de Janeiro, com 3.600 pedidos de presentes atendidos. A ajudante do Papai Noel trabalha com afinco e diz que cada caso é uma experiência diferente. “Não consigo apenas ler e esperar que alguém atenda a determinado pedido. Muitas vezes vou eu mesma à caça para encontrar um padrinho.

A emoção é grande. Fico feliz quando vejo as crianças ganharem o que pediram”, conta.

Os desejos são os mais variados: de bicicletas, bonecas e carrinhos de controle remoto a cestas básicas, material escolar e eletrodomésticos. Grande parte dos pedidos é de crianças carentes, de diferentes regiões do Rio de Janeiro. Alguns deles são inesquecíveis para Gilza. Como o de uma criança que pediu um colchão. “Ela não tinha onde dormir e usava um pedaço de papelão sobre o chão de terra batida da casa em que morava. A história foi exibida pela TV e uma senhora nos procurou para ajudar”, lembra.

Um menino de 12 anos que pediu a Papai Noel coisas gostosas para comer como “carne, doces e biscoitos” também teve o sonho realizado. Um funcionário dos Correios resolveu atender o pedido: fez uma grande cesta envolta em papel celofane e foi vestido de Papai Noel ao encontro do menino. Quando chegou, encontrou uma ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

casa humilde e uma criança sozinha, de olhos arregalados, perplexa com a sua presença ali. Na geladeira só havia uma garrafa de água. A mãe havia saído para trabalhar.

Enquanto Gilza recorda as histórias que vivenciou, seus olhos se enchem de lágrimas. São muitos relatos tristes, mas também muitas esperanças que se renovam com a chegada do Natal. Lendo pelo menos 30 cartas por dia, ela já ajudou uma menina que pediu uma escova de dentes, porque só havia uma em casa para a família inteira. E também a sete crianças, órfãs de mãe, que pediram chinelos para todos os da casa, porque o pai era pobre e só tinha dinheiro para comprar um único par.

Em foco



Gilza Franco

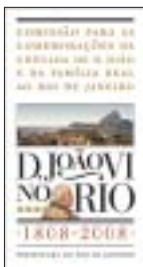
- Canção de Natal preferida: "Deixei meu sapatinho, na janela do quintal. Papai Noel deixou meu presente de Natal. Como é que Papai Noel não se esquece de ninguém. Seja rico ou seja pobre, o velhinho sempre vem" (*Sapatinho de Natal*)
- Durante as festas de fim de ano, o que ela mais gosta de comer é rabanada
- O presente que mais gostou de ganhar foi um boneco no carrinho, quando tinha oito anos. Mas ficou triste quando sua mãe se desfez dele, sem consultá-la anos depois.
- Um dos momentos mais emocionantes para ela foi o dia em que distribuiu presentes para crianças de um orfanato.

Mas nem sempre Gilza acerta o alvo quando atende aos pedidos, embora priorize os dos mais necessitados na hora de encontrar padrinhos. "Já houve uma situação em que um pai devolveu a bicicleta que o filho ganhou porque a família tinha boas condições financeiras", conta. Para ela, o importante é o espírito do Natal estar presente no coração de todos.

Imaginário infantil – Mãe de um homem de 34 anos e avó de um menino de 12, Gilza diz que a magia não pode acabar. Manter a fantasia do Papai Noel, do coelhinho da Páscoa e de tantos outros mitos que povoam o universo infantil faz bem para todos, reconhece. "Minha família tem de acreditar em Papai Noel, como não? Eu acredito!", diverte-se. A determinação de preservar a fantasia foi herdada da mãe. Certa vez, um neto contou-lhe que vira o Bom Velhinho e suas renas passando pelas nuvens no dia de Natal. Em outra ocasião, foi a vez do sobrinho, que jurou que ele estava em um helicóptero. A secretária se orgulha de ter sido procurada para dividir essas histórias, mas sabe que isso acontece porque aprendeu a valorizar os momentos mágicos com os mais novos.

Falta no mundo de hoje um pouco de sensibilidade, amor, esperança e, principalmente, união, diz Gilza. "As pessoas não se sentam mais à mesa para conversar juntas. Isso não é bom. É muito bonito o espírito de união na família. Só tenho um filho, mas gostaria de ter meia-dúzia", ressalta. Para ela, não há nada mais bonito no Natal do que uma mesa enorme, repleta de adultos e crianças, compartilhando a mesma energia.

Mas quem pensa que o trabalho da secretária com as cartinhas se restringe aos meses que antecedem o Natal está enganado. Desde julho ela recebe as correspondências da criança. Antes de me conceder a entrevista, Gilza havia acabado de ler um pedido de um menino de oito anos. Com a carta nas mãos, abriu um sorriso e leu em voz alta: "Eu queria muito o carrinho [de controle remoto], é o meu sonho. Eu prometo me comportar direito (...) e tirar boas notas na escola". Em outra carta, uma menina de 12 anos pede presentes para ela e para outras sete crianças. Gilza não tem dúvida. Seu trabalho no projeto se resume a uma das práticas mais inspiradoras do ser humano: a de saber doar. ■



A coluna sugere este mês dois dos vários lançamentos sobre a vinda da Família Real para o Rio há quase 200 anos. O fato, a despeito do tanto que se tem falado, tem a sua importância pouco compreendida pela grande maioria. Nunca na história mundial um império transferira o poder para uma colônia, e o Rio pode se gabar de ter sido a única cidade não-européia a abrigar essa forma de governo. Muito do que deixamos de aprender sobre essa viagem bicentenária se deve ao esforço dos governos dos primeiros anos da República de ofuscar o lado positivo da presença da corte portuguesa entre nós. Já está na hora de compreendermos que a fuga de Dom João, na verdade, foi uma estratégia que deixou Napoleão de mãos atadas, e que o episódio acelerou o progresso da cidade. A Comissão D. João VI (responsável pela elaboração e execução de uma ampla agenda de eventos e quase 20 publicações para promover a celebração dos 200 anos deste grande episódio histórico) apresenta, em parceria com as editoras Jose Olympio e Casa da Palavra, as primeiras publicações previstas no calendário de ações comemorativas. Os dois livros sugerem uma reflexão sobre o significado da transferência da Corte portuguesa para o Brasil.

Livros



A vinda da família real portuguesa para o Brasil

Thomas O'Neil

Tradução: Ruth Sylvia de Miranda Salles

Editora José Olympio

Só agora é lançada em português a obra originalmente publicada em 1810, em Londres, e que relata detalhadamente a viagem planejada “devido ao brutal e implacável espírito de domínio que tomou conta da mente demoníaca do arquiinimigo do mundo, Bonaparte”. As paisagens e o povo que recepcionou Dom João, as transformações que ocorreram nos 13 anos de permanência da Corte portuguesa (1808-21) são retratados pelo autor irlandês, que dá um tom de aventura ao episódio que fez o Brasil ser elevado a Reino Unido. O livro traz um ensaio introdutório de Lília Moritz Schwarcz, escrito especialmente para a edição.

Trecho: “Dia 6 de março. Nesse dia, sob uma salva real das naus e das baterias, toda a Família Real desembarcou. (...) Os habitantes de Santa Sebastian (São Sebastião) receberam de braços abertos os ilustres fugitivos; tudo o que o zelo e a lealdade os impeliram a fazer foi feito; e a Família Real fixou residência no palácio usualmente ocupado pelo vice-rei, um edifício que, por sua suntuosidade, ultrapassa o que um europeu poderia imaginar, quando se considera que, aos diversos vice-reis, era quase inteiramente impossível um intercâmbio com qualquer outra nação”.



Carlota Joaquina - cartas inéditas

Francisca Nogueira de Azevedo

Editora Casa da Palavra

Em livro, a correspondência de uma das mais polêmicas personagens da nossa história. São 145 cartas, endereçadas a familiares, que revelam novas facetas da princesa, que costuma ser retratada de forma estereotipada. Carlota Joaquina tem a sua atuação reconstruída e sob a sua ótica é narrada parte da história, marcada por intensa ação política. Sua vida é passada a limpo por meio do diálogo que estabeleceu com os pais e irmãos espanhóis, com D. João VI e seus filhos e com os principais articuladores de um período em que a Europa estava em ebulição e as colônias espanholas na América ensaiavam o movimento de independência.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Aventuras cariocas Juro que vi	Br@nché (Lingua francesa) Gerúndio e Cacófato Tempo e clima	Nós da Escola	Encontros com a Mídia Convidados: Orlando Guilhon (6), Pedro Lessa (13) e João Madeira (20)	Aqui no meu país É tempo de diversão As formas do invisível	9h-9h30 Cara de Criança Programas infantis: Museu mutante Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Matilda	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Crônicas da minha escola Educação em vários países	
Net - canal 14							
7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Papagaios amarelos (16, 23)
8h-8h30	Séries e documentários O mundo secreto dos jardins	Cara de Criança Programas infantis: Museu mutante Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Matilda	Séries e documentários Shakespeare: histórias animadas	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Programas infantis: Museu mutante Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Matilda	
8h30-9h	Aqui no meu país	Séries e documentários Contos de fadas poloneses Vamos brincar	Séries e documentários Contos de fadas poloneses A rua do Zoo 64	Viajantes da História	Encontros com a Mídia Convidados: Orlando Guilhon (7), Pedro Lessa (14), João Madeira (21), e Bruno Feijó (28)	Séries e documentários Contos de fadas poloneses Vamos brincar	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
9h-9h30	Contos de fadas poloneses A rua do Zoo 64	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Rede social da música (5), Capoeira (12), Fotografia (19) e Informática (26)	Nós da Escola	Crônicas da minha escola Educação em vários países	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Rede social da música (9), Capoeira (16), Fotografia (23) e Informática (30)
9h30-10h	Documentário especial Documentário especial Acima do peso (3), Papagaios amarelos (10, 17), Brasil em movimento: - A guerra civil (24)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História		Nós da Escola
10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Orlando Guilhon (9), Pedro Lessa (16), João Madeira (23), e Bruno Feijó (30)
11h-11h55	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
11h55-12h	Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Tempo e clima Geografia física e meteorologia		
Net Educação						Confira a Programação Especial de Natal e de Fim de Ano na Band Rio e na Net, canal 14	
12h-12h30	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Lingua francesa) Gerúndio e Cacófato	Dia 24 - Aventuras Cariocas: Madureira via Central; Alma Negra; Luzes para Gita (animação); Rio a Cidade! Dar presente ou estar presente. Dia 25 - Contos de Wilde: O Gigante Egoísta; Juro que Vi: Matinta Pereira.	
12h30-13h	Encontros com a Mídia Convidados: Orlando Guilhon (10), Pedro Lessa (17), João Madeira (24), e Bruno Feijó (31)	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Educação em vários países	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Nós da Escola	Dia 26 - Contos de Fadas Poloneses: A Montanha de Gelo; Jantar para Dois (curta); Os Amigos de Kwan Ming. Dia 27 - Contos de Fadas Poloneses: Os Sapatos Mágicos; Vamos Brincar. Brasil. Dia 28 - Contos de Fadas Poloneses: Os 12 Meses; Religiões do Mundo: A Conferência dos Pássaros. Dia 29 - Cara de Criança Especial: 64 Zoo Lane. Um Sonho de Criança. Dia 30 - Ecce Homo: Família. Dia 31 - Juro que Vi: O Boto. Iara. Dia 1º: Presente do Futuro: Diga Não; Juro que Vi: O Curupira; Conversa de Criança: Bumba meu Boi; Juro que Vi: Matinta Pereira	
13h-13h30	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados.	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br.

Obra Social

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A única obra que você nunca
vai querer que acabe.



CASAS DE CONVIVÊNCIA
E LAZER PARA IDOSOS

www.obrasocial-rj.org.br





NÓS DA ESCOLA
Boas férias e até 2008!